

ILUSTRAÇÃO



4.º ANO
NÚMERO 80

Lisboa, 16 de Abril de 1929
A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00

A VENDA NO

Largo Trindade Coelho, 10.
Farmacia Morão, rua Augusta, 234.
Pires Tavares, rua 1.º de Dezembro, 128.
Benamôr, rua Augusta, 200, e nos bons estabelecimentos.

Lopes, Ltd.ª (Florista), rua Garrett, 68.

Casa Neves, Rossio, 42 — Avenida Almirante Reis, 34 H — Atalaia & Nogueira, Ltd.ª, rua do Amparo, 102 — Rua Ferreira Borges, 131 — Drogaria Cabral, rua do Rato, 30, e outros estabelecimentos.



Os pedidos de revenda e remessas á cobrança pelo correio devem ser dirigidos á

SECCÃO DE PERFUMARIA

DA

“EVA”

LARGO TRINDADE COELHO, 10 — TEL. T. 1100

Exija sempre...

a marca

Nally

em todos os seus produtos de beleza

PRODUTOS NALLY

ESSENCIAS A PEZO :

Todas as essencias de «Nally» vão já em tubos com o peso exacto de :

Essencia ALLELUYA (NOTRE-DAME).....	5 RTs.	10 RTs.	20 RTs.
	4\$50	9\$00	18\$00

NOTA: Por conveniencia do fabricante a essencia NOTRE-DAME passa a denominar-se ALLELUYA

Essencias «MARQUITTA», CHYPRE-EXTRA e ORIGAN-EXTRA.....	4\$00	8\$00	16\$00
Essencias CHYPRE, ORIGAN, AMBRE, MUGUET, VIOLETTE, JASMIN, TREVO, CRAVO, IDEAL, LILAS, ROSE, POMP., etc.....	3\$00	6\$00	12\$00

ESSENCIAS EM ESTOJOS de luxo n.º..... 2\$50, 3\$50, 4\$50 e 8\$50
de grande luxo..... 10\$00 e 100\$00

ESSENCIAS «MARQUITTA» e «ALLELUYA» (Notre-Dame). Em frasco com rolla metalica e estilete..... 10\$00

PÓS DE ARROZ (Nas cores: Branco, Rosa 1 e 2, Rachel (crème) 1 e 2, Natural e Ocre). Perfumados com as essencias de :

ALLELUYA (NOTRE-DAME).....	Caixa redonda	7\$50
MARQUITTA.....	Caixa leque	11\$00
	Caixa leque	10\$00
	Caixa metalica de luxo com espelho e bouppes	10\$00
	caixas metalicas, em todas as cores, com «houppes», cada	4\$00

PO DE ARROZ (liquido) MARQUITTA (leite de beleza)..... Frasco 20\$00

ROUGES «MARQUITTA» nas cores: MANDARINE, BRUNETTE, FRAMBOISE e ROSE CORAL..... Caixa 4\$00

CRÈME «MARQUITTA»..... Bolo 4\$00
Frasco 1\$00

AGUA DE COLONIA «MARQUITTA»..... Frasco simples 10\$00
Frasco duplo 27\$00
Frasco approx. 1 lit. 90\$00

LOÇÃO «MARQUITTA»..... Frasco simples 1\$00
Frasco duplo 2\$00

LOÇÃO VIOLETTE DE «NALLY»..... Frasco duplo 2\$00

SHAMPOO «MARQUITTA»..... Pacote 2\$00

BRILHANTINA :

«MARQUITTA».....	Bolo	1\$00
«SIMPLES DE «NALLY» (Liquido).....	Bolo	10\$00
VERNIZ PARA UNHAS DE «NALLY».....	Frasco	10\$00
	Frasco-pinceal	10\$00
	Tubo (avulso)	4\$00
CONTRA-VERNIZ DE «NALLY».....	Tubo	2\$50
PO PARA UNHAS «MARQUITTA».....	Tubos de 4\$00 c.	2\$50
SABONETE «MARQUITTA».....	Cada	3\$50
SALONETE «MARQUITTA» (elegante caixa de 3).....	Para brinde	12\$00
SABONETE LIQUIDO «MARQUITTA».....	Frasco com estila-gotas	10\$00
DEPLATÓRIO «MARQUITTA».....	Frasco grande (8/9 decilitros)	30\$00
BATON PARA LÁBIOS «MARQUITTA», nas tons de ROUGE, CERISE, FRAMBOISE, ELECTRIQUE, (embalagem de aluminio).....	Frasco	10\$00
BATON em estojos de luxo (as mesmas cores).....	Cada	4\$00
BATONS DE RECARGA para estojos de luxo (caixas de duzin).....	Cada Caixa	24\$00

PRODUTOS «BENAMOR»

Perfumados á base de essencias Nally

PASTA PARA DENTES «BENAMOR».....	Tubo	3\$00
PO DE ARROZ «BENAMOR» (Cores: Branco, Rosa 1 e 2, Rachel (Crème) 1 e 2, Natural e Ocre). Perfumado com as essencias de :		
CHYPRE DE NALL, ORIGAN DE NALLY e outras essencias de NALLY.....	Caixa reclame	2\$50
	Caixa redonda	6\$00
AGUA DE COLONIA «BENAMOR».....	Frasco simples	1\$00
	Frasco medio	30\$00
	Frasco grande	60\$00
LOÇÃO «BENAMOR».....	Frasco	1\$00
	Frasco grande (avulso)	60\$00
CRÈME «BENAMOR».....	Bolo	10\$00
EXILIR DENTRIFICO «BENAMOR».....	Frasco	8\$00
CAIXA-BRINDE «BENAMOR».....		30\$00

NOTA: — Não há essencias com o nome ou marca de «BENAMOR», salvo se forem FALSIFICADAS.

A ALEGRIA DAS CRIANÇAS



A SAUDE DO VOSSO BÉBÉ exige que sejais severa na escolha do seu leite. Quando ha falta de leite materno, deveis eviitar de dar ao vosso filhinho leite fresco que quasi sempre é de qualidade duvidosa, cheio de micróbios e outras impurezas. A fervura diminui consideravelmente o seu valor nutritivo, pois destroi as preciosas vitaminas tão necessarias ao desenvolvimento da criança. Adotai sem hesitar o melhor dos leites, o

LEITE CONDENSADO AÇUCARADO MARCA «MOÇA»

PURISSIMO, RICO EM CREME E EM VITAMINAS. É O ALIMENTO IDEAL, O QUE
MELHOR SUBSTITUI O LEITE MATERNO

PREPARAI O VOSSO BÉBÉ AO DESMAME. Fazê-lo bruscamente é expor a criança a graves perigos. Por isso todos os pediatras recomendam que se faça o desmame progressivamente, juntando às mamadeiras de leite papinhas de farinha fortemente lacteada e cuidadosamente malteada. Substitui uma, depois duas e três mamadeiras de leite por uma papinha de

FARINHA LACTEA «NESTLÉ»

RICA EM LEITE E VITAMINAS, CUIDADOSAMENTE DOSEADA E MALTEADA

É assim a melhor maneira de desmamar sem perigo o vosso bebé.

PEÇAM UMA AMOSTRA A

Filial em Portugal da

NESTLÉ & ANGLO-SWISS CONDENSED MILK CO.

Rua Ivens, 11-13—LISBOA

A "EVA"

com um novo aspecto, muito mais elegante e com melhores gravuras e papel, a "EVA" depois de se fundir com a «VOGA», tornou-se a primeira revista feminina de Portugal.

Os seus figurinos são a ultima palavra sobre as modas que imperam em Paris e a sua colaboração literaria constituirá o encanto espiritual de todas as portuguesas de bom gosto. :: :: :: :: :: :: ::

PREÇO 1\$50

A' venda na Filial do
DIARIO DE NOTICIAS

Largo Trindade Coelho, 10

e em todas as
Livrarias e Tabacarias



LISBOA - MADRID
NOS
JUNKER'S

às 3.^{as}, 5.^{as} e sabados

PREÇO Esc. 500\$00

15 quilos de bagagem livre

Serviços Aereos Portugueses, Ltd.

Avenida da Liberdade, 3

COLECCÃO BARATA

O RÉCORD

DA EDIÇÃO DE LUXO DE OBRAS DE VALOR DE AUTORES DE NOME POR PREÇOS POPULARES

UM VOLUME MENSAL MAGNÍFICO PAPEL CAPA A CORES MUITOS CENTOS DE PÁGINAS

PREÇO: 4 ESCUDOS

ROMANCES ESCOLHIDOS ENTRE AS OBRAS PRIMAS DA LITERATURA MUNDIAL, ROMANCES DE AMOR, DE AVENTURAS, ROMANCES REALISTAS, IDEALISTAS OU DE ESTUDO PSICOLÓGICO, NOVELAS POLICIAIS OU DE MISTÉRIO. OS MELHORES NOMES DA LITERATURA PORTUGUESA E EXTRANGEIRA

PRIMEIRO VOLUME DA "COLECCÃO BARATA"

ATLANTIDA a obra prima de PIERRE BENOIT

MARAVILHOSO ROMANCE DE MISTÉRIOS, PAIXÕES E AVENTURAS NO SAHARÁ

TÓDAS AS CORRENTES LITERÁRIAS, DE TODOS OS PAÍSES, REPRESENTADAS PELAS SUAS OBRAS MAIS EMOTIVAS REEDIÇÕES DE CLASSICOS EDIÇÕES DE AUTORES NOVOS

EDITORES: LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

COLECCÃO BARATA

Tobler

A TENTAÇÃO DAS CRIANÇAS!

Uma caixa de TOBLER'S TABLETS é para elas um brinde precioso e sempre desejado, porque contem um variado sortido das especialidades de chocolate que elas mais apreciam.

Fabricado na Suíça com produtos rigorosamente seleccionados e por um processo especial que o torna muito rico em vitaminas, o Chocolate TOBLER não é só uma deliciosa gulodice mas sobretudo um alimento concentrado dos mais completos.

À VENDA EM TODAS AS BOAS CONFEITARIAS



WOODSTOCK



A MELHOR MAQUINA DE ESCREVER

COM NOVOS APERFEIÇOAMENTOS.
RESISTÊNCIA E PERFEIÇÃO
INCOMPARÁVEL.
DURANTE ESTE MÊS PREÇOS
ESPECIAIS.
VENDAS A PRESTAÇÕES.
NÃO COMPRE SEM EXPERIMENTAR
UMA **WOODSTOCK**.

J. GONÇALVES

CALÇ. DO CARMO, 10

LISBOA

TELEF. T. 4190

Lithinés

du Docteur Gustin

Para preparar economicamente

**uma água alcalina,
litinada, digestiva**

muito eficaz no tratamento das
afecções de

Figado, Rins, Bexiga e Estomago.

SALÃO DE PRIMAVERA

DA ELEGANCIA FEMININA, ARTES INDUSTRIAIS E DECORATIVAS, NO PALACIO DE CRISTAL DO PORTO

Sob o patrocínio dos organismos económicos do Norte e promovido por *ILUSTRAÇÃO* e *EVA* com o apoio do *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* e *MAGAZINE BERTRAND*
 ESTA ABERTA A INSCRIÇÃO PARA ESTE CERTAME, QUE OBTERÁ
 O MAIOR ÊXITO ECONÓMICO, PUBLICITÁRIO E ARTÍSTICO
ABRE EM 20 DE ABRIL

As primeiras casas a inscrever-se definitivamente em lugares de destaque foram

- GRANDE BAZAR DO PORTO LTD.*** (LISBOA-PÓRTO), representantes da colossal marca de gramofones e discos HIS MASTER'S VOICE.
- SANTOS & JÚLIO**, COSTUREIROS, criadores de Modas — (R. Nova do Almada — LISBOA).
- HENRI MANUEL** (Fotógrafo de Arte, Moda e Elegâncias) — PARIS.
- FÁBRICA DOS TAPÊTES DE BEIRIZ** — A maravilhosa indústria artística de D. Hilda Brandão de Miranda e Carlos de Miranda.
- SOCIEDADE DOS VINHOS BORGES & IRMÃO** — De fama mundial, porque «os Vinhos Borges... são Vinhos»...
- MÁRIO DE NOVAIS** — (Fotógrafo de Arte) — LISBOA.
- TATÁ** — «Chapelier en Vogue» — Medalha de ouro do «Salão de Outono».
- NALLY** — Os reputados perfumistas, bem conhecidos da alta elegância.
- A POMPADOUR** — Fábrica de espartilhos e cintas — Chiado, LISBOA.
- ALINANDA** — Que exporá o livro «Arte de bem comer», ao qual está reservado um grande successo.
- CHAMPAGNE PIPER-HEIDSIECK** — *Reims* — «Grandes licores Rocher Frères» — «Cognac E. Remy Martin & C.*» — reputadíssimas marcas de que é representante, em Portugal e Colónias, João Alves de Matos, rua dos Fanqueiros, 277 — LISBOA.
- POLYDOR** — «O super-gramofone alemão», uma verdadeira maravilha — Agentes gerais — Galeria das Novidades, L.^{da} — PÓRTO.
- «**EMPRESA ELECTRO-CERÂMICA**», de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da península de porcelanas para uso doméstico e efeitos eléctricos.
- COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA**, com os maravilhosos vidros artísticos, rivais dos melhores do mundo, da *Fábrica da Marinha Grande*.
- AZEITE SANTA CRUZ**, admirável produção da firma Simões, Irmão & C.* Ltd., das Devezas — Vila Nova de Gaia, com venda a retalho na Rua do Almada, 181 — PÓRTO.
- «**O PRIMEIRO DE JANEIRO**» o grande jornal do norte, com as suas edições.
- SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE, A. E. G.**, a marca de fama em artigos eléctricos, maquinaria eléctrica, luz. LISBOA — PÓRTO.
- JOÃO ANJOS** — O afamado medalhista, cinzelador e esmaltador; especialista em condecorações e effigies sagradas. — LISBOA.
- DOMINGOS FERNANDES & C.***, grande fábrica de malhas da rua dos Wanzelleres — PÓRTO, com as suas criações em Novidades de luxo, vestidos, malhas de seda, camisolas com labores, etc.
- CASTELO LOPES LTD.***, com os seus surpreendentes gramofones e discos da grande marca **PATHE**.
- P. SOLER** — Representantes da famosa casa Gaumont, que montou «haut-parleurs», na varanda do nosso «bureau» do Pôrto.
- LITOGRAFIA NACIONAL** — Que exporá os seus maravilhosos trabalhos gráficos e a sua soberba colectânea *Monumentos de Portugal*.
- SOCIEDADE DOS PRODUTOS INDUSTRIAIS, L.^{da} (RADIO-PÓRTO)** — A grande casa semilista emissora, artigos da especialidade.
- SIMÕES & C.*** — A maior fábrica da península em malhas de luxo, criadores de afamadas meias de seda, superando as estrangeiras.
- EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE** — Com as suas edições populares, de luxo e de ensinamento técnico.
- AILLAUD LTD.*** — (Livrarias Aillaud e Bertrand) — Com edições de luxo, a par do melhor do mundo em arte gráfica.
- ACH. BRITO** — PÓRTO — A grande fábrica de perfumes portuense — Sabonetes — Essências, etc.
- SOCIEDADE COMERCIAL PHILIPS PORTUGUESA** — Representante da marca de fama «Philips», «récord» da fabricação de aparelhos de T. S. F., lâmpadas, etc. — LISBOA e PÓRTO.
- FÁBRICAS DO RIO VIZELA** — Produção de tecidos nacionais — Grandes instalações permitindo a fabricação de toda a classe de tecidos finos.
- PERFUMES «COURAÇA»** — Um nome acreditado e celebrado há muito, com inteira justiça, em Portugal e no Brasil — Apresentação das suas últimas criações em perfumaria de luxo.
- JORNAL DE NOTÍCIAS** — Grande diário do Norte, com as suas publicações e edições.
- MANUEL PINTO DE AZEVEDO** — Grande industrial português com as suas sedarias e tecidos de luxo das magníficas fábricas da Senhora da Hora e Areosa.
- COMPANHIA AGRÍCOLA E COMERCIAL DOS VINHOS DO PÓRTO**, possuidores e vendedores dos afamados vinhos da marca *Ferreirinha*, da Régoa.
- CERESIT** — Materiais de decoração e construção, produtos de alta novidade e moderníssimos — Importador exclusivo, J. Bielman Sucessor.
- AGUAS DE TERROZO** — Maravilhosos e abundantíssimos mananciais junto á Póvoa do Varzim. Uma água notabilíssima de pureza maravilhosa e magníficos efeitos.
- «**THE MODERN OFFICE**» organizou um belo serviço de vigilância nocturna com os seus relógios de ponto da maior eficácia.
- LOPES, COELHO, DIAS & C.* L.^{da}** — MATOSINHOS Formidáveis fábricas de conservas, do melhor que se produz em Portugal.
- «**LA LICORNE**», o maravilhoso auto para senhoras, 1.^o prémio do Concurso da Elegância em Lisboa.
- COMPANHIA PORTUGUESA HIGIENE L.^{da}** — Fábricas de produtos químicos e farmacêuticos, proprietários da Farmácia Estácio, de Lisboa.
- COMPANHIA INDUSTRIAL E MINEIRA DE PORTUGAL** — Cal hidráulica, cimentos, carvões do Cabo Mondego (Figueira da Foz).
- CAMILO FRANCISCO RODRIGUES**, fábricas de tapetes e capachos de pita e côco, malas, carteiras e artigos de couro, etc.

Todas as informações nas redacções de *Magazine Bertrand* e *Ilustração* (Telef. N. 873) ou no

BUREAU DA EXPOSIÇÃO:
 AVENIDA DOS ALIADOS, 71, 1.^o — PÓRTO — Telefone: 4909 (Porto)

O ERSKINE CONQUISTA OS APLAUSOS GERAES

O publico não pode ser enganado com frases sonoras ou com falsas promessas. Elle sabe o que quer, e exige dum automovel bom funcionamento, economia e bom gosto. Por isso o publico que guia é a maior autoridade em matéria de automoveis.

Ora, um publico internacional espalhado por todo o mundo dá a sua preferencia e os seus aplausos ao Erskine Six por tal forma que as vendas relativas aos primeiros onze mezes de 1928 excederam em 250 % o total das vendas de todo o ano anterior!

O Erskine Six é campeão da sua categoria. Como poderia, pois, o publico contentar-se com um carro inferior ao campeão? Studebaker constróe 4 grandes tipos de carros: Erskine, Director, Comandante 8, e Presidente 8. Cada um dêles é campeão da sua categoria.

Studebaker detem hoje 11 records mundiaes, 22 records internacionaes e **TODOS** os records officiaes americanos para carros de série. Nenhum outro fabricante pode oferecer, com tamanha evidencia, demonstrações tão concludentes do grande valôr dos seus carros e do seu perfeito funcionamento.

Podéis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal:

C. SANTOS, LDA.

LISBOA: Rua do Crucifixo 55 a 59.

PORTO: Praça da Liberdade, Edificio da Nacional.

5 D



STUDEBAKER



MULTIGRAPH

DUPLICADORES ELECTRICOS E MANUAES PARA IMPRESSÃO DE CIRCULARES, RELATORIOS, ORDENS DE SERVIÇO ETC. PODENDO TAMBEM SER UTILISADOS PARA TRABALHOS TYPOGRAPHICOS.

O MAXIMO DE RENDIMENTO COM O MINIMO DE TRABALHO



Pedir detalhes aos

AGENTES GERAES:



THE MODERN OFFICE LTD.

107, Rua do Alecrim — Tel. T. 66 — LISBOA

MAGAZINE
BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA
VEJAM O NÚMERO DE ABRIL

ILUSTRAÇÃO

Na Rua Anchieta, n.º 25, compram-se a 15\$00 cada um, exemplares em bom estado, do numero 28 desta revista.

LEIAM O
CÓ-CÓ-RÓ-CÓ
O MELHOR JORNAL
INFANTIL

16 PÁGINAS
1 CONSTRUÇÃO **1\$00**

Chrysler

O AUTOMOVEL DE INCOMPARAVEL VALOR...
O NOME DE INDISCUTIVEL GARANTIA...

PARIS PARA AS MODAS!...

CHRYSLER PARA OS AUTOMOVEIS!...

AGENTE GERAL
A. BEAUVALET
Rua 1.º de Dezembro
LISBOA

DISTRIBUIDOR NO NORTE
ANGEL BEAUVALET
Rua de Santa Catharina
PORTO

NYTHIS
Parfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
AGUA DE COLONIA
SABONETE

Os Vendedores em Lisboa nas boas Casas
Apresentam STEIFFEN & CO, Rua de Madalena 27 E. LISBOA

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

DISCOS DE OPERA

REPORTORIO: vasto e selecto;

CANTO: dos mais celebres artistas;

MUSICA: das mais afamadas orquestras;

e GRAVAÇÃO: perfeitissima

SÓ PREFERINDO-SE OS DISCOS

"His Master's Voice"

AGENTES EXCLUSIVOS:

GRANDE BAZAR DO PORTO

LISBOA—R. Augusta, 150 a 152

PORTO—R. de S.^{ta} Catarina, 192 a 198



FANNY HELDY
(Soprano)



LEOTTE SCHOENE
(Cantora)



OS GRANDES HOTEIS EUROPÊUS



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. da Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Provisão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
ALLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824

ANO 4.º — NÚMERO 80

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE ABRIL DE 1929

A COMEMORAÇÃO DO 9 DE ABRIL



A COMEMORAÇÃO DO 9 DE ABRIL, DATA GLORIOSA QUE MARCOU O ESFORÇO PORTUGUÊS AO LADO DOS ALIADOS NA GRANDE GUERRA, FOI, ESTE ANO, COMO NOS OUTROS JÁ O HAVIA SIDO, SOLÈNE E COMOVIDAMENTE COMEMORADA. A NOSSA PÁGINA ARQUIVA ALGUNS ASPECTOS FLAGRANTES DESSA COMEMORAÇÃO. *Acima, à esquerda:* A ROMAGEM AO CEMITÉRIO DO ALTO DE S. JOÃO PELOS EX-COMBATENTES. *À direita:* S. EX.ª O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA ACOMPANHADO PELO SR. PRESIDENTE DO MINISTÉRIO E AUTORIDADES MILITARES ASSISTINDO AO DESFILE DAS TROPAS POR OCASIÃO DA GRANDE PARADA EFECTUADA NO DIA 9 DE ABRIL. *Em baixo:* UM ASPECTO DO DESFILE DAS TROPAS

No Salão do Pôrto exporá a Companhia Agrícola e Comercial dos Vinhos do Pôrto,
os afamados vinhos FERREIRINHA

CRONICA DA QUINZENA

A uma senhora francesa, um pouco *bas bleu*, ouvi estas impressões da sua viagem em Portugal, na primavera de 28:

«Fomos pernoitar a certa cidadezinha da Serra, uma que está empoleirada de cima de rocha como um ninho de açor...

— Guarda?

«Isso, Guarda. As dez horas, fazia lá frio e silêncio como num cemitério. Estava luar e, adormecidas na luz álgida, árvores e casas pareciam uma paisagem de Natal, recortada em papelão. Deram-me no hotel, que estava de frontaria heráldica, uma cela de monja e, vêja, dormi lá mais a Nanucha como Deus com os anjos. Dir-se-ia que o meu corpo, por um milagre de sugestão das rufinhas afonsinas, encaixilhadas na parede, se acomodara bárbara e regaladamente à dureza do enxergão de palha. Levei a noite dum sono e de manhã ergui-me mais fresca que o abrótono dos montes. Pela estrada deserta que a aragem picava dum frescura secca, digna, quasi alpestre, com o vale ao fundo de que se não descobria pé, mas um vaporsinho oscilante, e céu, só céu, tinha a sensação absurda de que ia escorregar da Terra para os espaços sem fim, caír abaixo como cai um grão de areia, ao pender o seu ponto de apoio, na bola que se faz rolar. E vinham-me vertigens como deve sentir a criatura que vai de corrida pela beira dum telhado fora, numa casa de sete andares, a olhar para o chão.

«Atravessámos uma vila fortificada, velha, muito velha, que me parece estar a ver na *fête joraine* por trás dum óculo de vidro, onde cheirava deliciosamente a pão *ázimo*. Chama-se, eu lhe digo... A terra daquelle estupendíssimo padre, que teve mais mulheres que Salomão e foi um benemérito da espécie...? Trancoso, não é?

— Sim, deve ser Trancoso. Mas, minha senhora, o primeiro título de glória desta terra memorável é o Bandarra. Homem de génio e de sovelva, é o Nostradamus de Portugal. Os viajantes franceses, especialmente, permita que lho diga, vêm, vêm, apontam, e deixam o melhor, o que nos honra, no tinteiro.

«Descanse que nunca mais me esquecerei do profeta. Aqui para nós, o abade é personagem muito mais interessante. Único, uma força da natureza, uma espécie de Anteu, merecia ter a memória na praça com Priapo a coroa-lo de loiros e a Teologia e a Fecundidade, de mãos dadas, no pedestal, a olhar para ele embevecidas. Parámos na terra a tirar umas fotografias e cercou-nos numa alcafeia de garotos, a pedir um tostãozinho, que, pelos dados, deviam ser tetractos do grande sacerdote. Vivos, sujos, mexidos como demónios, bem se via serem descendentes dum génio. Traziam uns os irmãozitos às cavaleiras, e as pernas engatinhadas em volta do pescoço eram como gentílicos colares de ébano. Outros davam pulo como saghis e seus andraxes, cheios de rasgões, punham mais carne a descoberto do que tapavam. Não havia dúvida, raça de homem e de fauno! O absurdo é que ao lado deles houvesse casas caiadas, candieiros de luz eléctrica, e passassem meninas de saia curta com cabelos à *garçonne*. Portugal é um segundo Oriente!

«Almoçámos numa estalagem de quatro ca-

minhos (*Ponte do Abade*), trutas saborosíssimas, pescadas provavelmente no açude que fomos vendo e ouvindo, enquanto comíamos, cachoar em baixo contra a barragem de pedras, ovos tão frescos que só podiam ser da mesma da hora, postos pelas galinhas que no pátio cacarejavam seu enfado de parturientes, brôa ainda tépida, queijo de ovelha, tudo regado com um vinho dos sítios, que passava titilando na garganta e sabia a amoras e framboejas. Bendita seja a terra beirôta, pobrinha sim, mas verdadeira e leal no que serve aos hóspedes! Andando, mal se nos deparou estrada infectando a Este, metemos por ela certos de seguir o itinerário que nos aconselharam como pitoresco e não vinha indicado na carta. E, graças, aquela estrada (*Moimenta da Beira a Taboão*) inscrita a fogo na rocha viva, entre duas montanhas de igual arcação, igual rompante, e tão próximas, que nem geminadas, era coisa de pasmar. Uma das serras, pelo facto da nossa posição, não a mediamos com os olhos, adivinhávamo-la; outra, desdobrando-se em perspectiva, negra, lambida por uma babugem de mato, de flancos a prumo, figurava-se-me um formidável cavalo de bronze, batendo, louco, à desfilada. Do rio que colava no sopé, como lança daquela parelha monstruosa, nunca se enxergava lume, esquivando-se fundo e medroso entre alcantis e bosquedos. Peneiravam águas e nebris sobre a paisagem dramática e, no silêncio de sideração cósmica que reinava, com o H. 274, que não sabia o que era ir devagar, correr por ali fora, era medularmente capitoso. Mas aquele cavalo de bronze, galopando à estribeira, acabava por converter-se num pesadelo e causar dores de cabeça.

Súbitamente o horizonte abria em leque, oferecendo à vista um panorama da mais singular fantasia. A todo o lés, o solo mostrava-se recortado de degraus que subiam dos cônceavos aos pináculos altos, compondo um imenso e revoltoso anfiteatro. Terra caprichosa, rara, comparável para a mais terra como a zebra entre os animais. Cidadela donde os Titãs partiram a escalar o Céu. De longe parecia tudo baço, morto, silente, como destroço coliseu vindo do fundo dos séculos; passando, é que se dava conta do chão enverdecido pela vinha, a oliveira, e tôlas as belas árvores de carvão. Salvé, estavam na região do Douro, onde uma química misteriosa — sol de inferno, terra feita de pedra, suor humano — engendra o licór sem par!

«Dêmos volta pela Régua e daí até Lamego a estrada em torrecolo, coalhada de camuhandantes, de carros de bois do tempo do rei Vamba, burricos tropiqueiros, rapados cegos com a rabeca às costas, cães a arremeter das quintas, mocinhas leva que leva, lenço a escorrer do ombro, à sombra dos soutos em flor, com o motor do carro sempre a cantar,

ofereceu-nos um variado e delectável cosmorama.

«Na cidade que foi, segundo rezava o guia, berço do reino, tão absorta que dava a impressão de esperar o Messias, um cataclismo, a sorte grande, ou que o Fundador voltasse, de chanchalho alçado, para matar a carriça, fizemos alto. E na manhã seguinte visitámos outras cidades, que são de Portugal e podiam ser da Arábia Feliz, tão pasmadas que levam a gente a perguntar: *de que vivem?* Ninguém o saberia dizer e outra interrogação mais molesta se ergue no espirito: *por que vivem?* muito menos se nos oferece resposta, e como é preciso sossegar o entendimento diremos: *vivem, porque reza delas a geografia; contraíram essa obrigação com o mapa-mundo.* O princípio será arbitrário, mas deixá-lo, sobre ele, à semelhança das matemáticas não euclidianas, construo a psicologia sólida do burgo. De facto essa psicologia explica-me a razão por que à porta do botiquim, homens de tôdas as castas têm ar de vender sombra, e não fazem mais nada que enxutar as moscas; por que se vêem tantas sotaínas e fardas; por que entre a metina do segundo andar e o *papo-seco* da rua se estabelece aquele desengonçado idílio; por que se não ouve um volante de fábrica e se ouvem os vôos das andorinhas riscando um céu de setim. Explica tudo, actividades e raliços, fisionomias e gestos, silêncios e vozes. Explica até o jumento que vem pela estrada soalheira, muito senhor de si, muito felpudo na sua samarra de inverno, contando as pedras e os passos que dá. O homem que o tange anda descalço, e o cabelo e a barba hirsutos formam-lhe na cabeça estranha barretina de astrakan por baixo dum barretina sebenta de tropa. De cima da albarda traz o jericó numa tenda branca que parece enfiar-se a vento de que se não sente o hafa. Quem viaja no caprichoso palanquim? Um peeta, um santarrão, uma princesa encantada? Sabe-se lá nesta adorável terra de maravilha! O azemel dá a volta e, horror! é um monstro, um monstro que ri, que fala, que tem olhos, e nos fita da profundidade de poço das suas órbitas, quem se abriga sob o velário. Está deitado sobre o dorso; leva erguidas e nuas as pernas desmesuradas, só tibia, só fémur, enroladas em pergaminho baço; leva os braços ao alto, só as canas dos ossos, só a pele. E são estas pernas e estes braços irreais, imensos como tentáculos de aranhão, que se espalham nas extremidades em longas pás, que erguem o tódo e, trepidando, lhe imprimem o doce arquejo dum vela à beirina. No rosto, no tórax não se lhe lê a idade. Terá breves anos, mas pode contar longos séculos. Dos faquires, como dos deuses; são invioláveis os princípios. O burro passa pelo *mentidero* e o monstro clama numa voz cavernosa:

— Tenham dó do aleijadinho!

«Qual dó! Os basbaques, cônegos, militares, vates, filhos famílias, pirangas da rua, viram a cara, indiferentes ou anojados. O homem do kepi fugista desalmadamente o sendeiro, praguejando. Aqui está Portugal!

Paris, Abril.

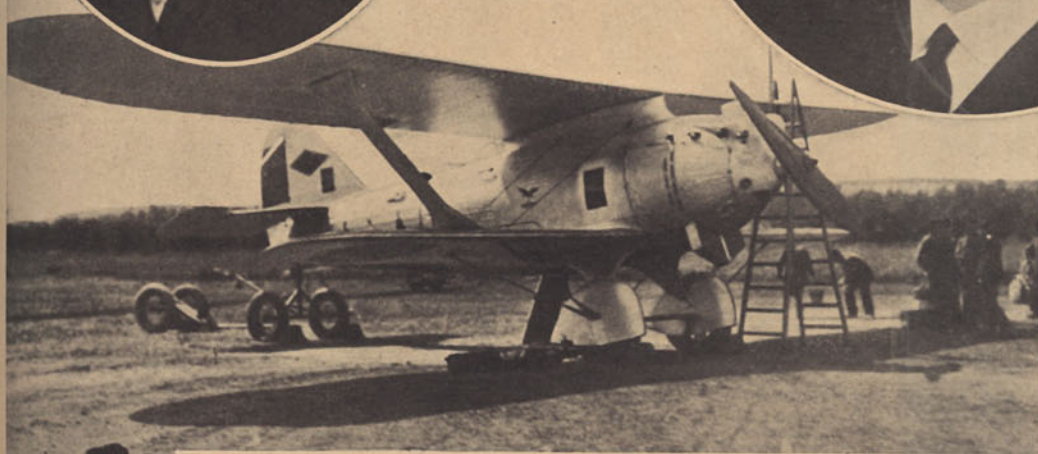
AQUILINO RIBEIRO.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

No Salão do Pôrto exporá as suas maravilhosas conservas a fábrica LOPES,
COELHO, DIAS & C.ª L.ª, de Matosinhos

JIMENEZ E IGLESIAS

E O SEU
MAGNI-
FICO
"RAID"
TRANS-
ATLAN-
TICO



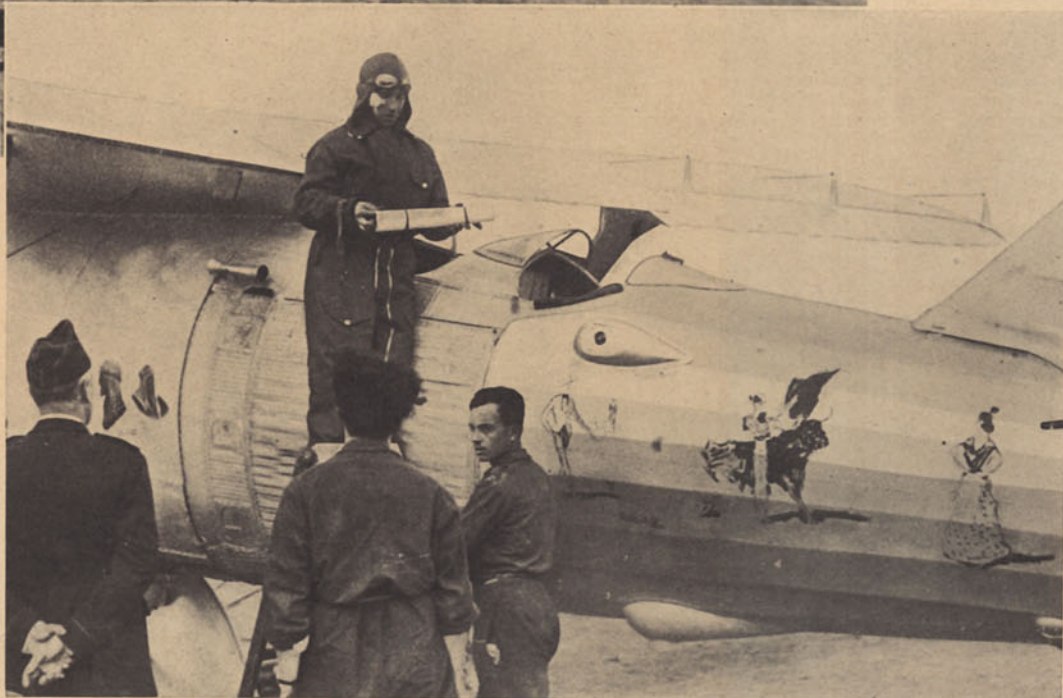
NO MEDALHÃO: — Jimenez, capitão aviador, companheiro de Iglesias na travessia do Atlântico

EM BAIXO: — Um a foto sensacional. Momentos antes da largada, Jimenez sobe ao aparelho levando a carta geográfica que lhe marcará a rota. Na carlinga do avião vêem-se os desenhos-mascote de motivos sevillanos e toureiros

NO OVAL DE CIMA: — O ilustre aviador espanhol, capitão Iglesias

AO CENTRO: — O avião espanhol *Jesús del Gran Poder* que, tripulado por Jimenez e Iglesias realizou a travessia aérea, em voo directo, do Atlântico Sul, pela rota de Sacadura-Gago Coutinho, momentos antes de largar

(Fotos inéditas e exclusivas de Ilustração executadas por Vidal — Madrid)

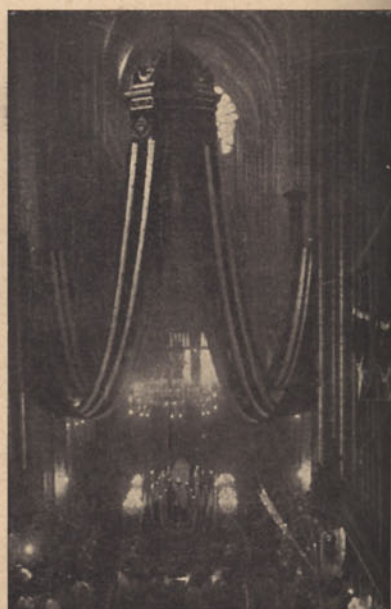


No Salão do Pôrto serão expostas as magníficas **ÁGUAS DE TERROZO** (Póvoa do Varzim), um dos melhores mananciais do país

OS FUNERAIS DE FOCH



A ESQUERDA: — O féretro do marechal exposto, durante a noite sob o Arco do Triunfo
NO MEDALHÃO: — A chegada a Paris do Príncipe de Gales, que veio representar o soberano inglês no funeral

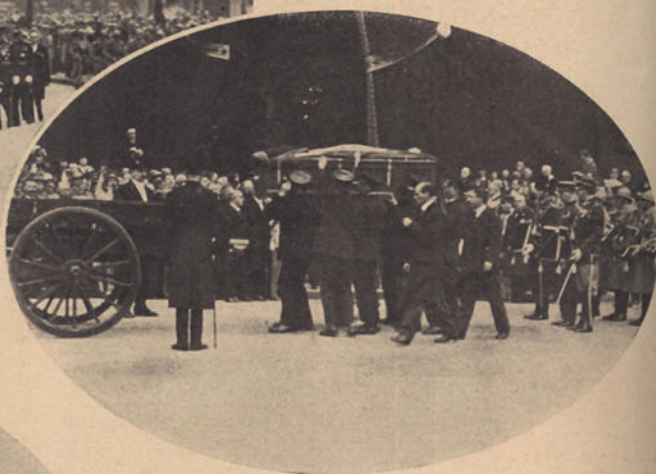


Na nave imensa de Notre-Dame. As exéquias solenes do marechal Ferdinand Foch



Na Praça da Concórdia. A passagem do féretro, rodeado pelos marechais comandantes de todos os exércitos aliados. Ao fundo vê-se a estátua de Estraburgo

NO OVAL: — O Presidente da República Francesa, Gaston Doumergue, presidindo às cerimônias fúnebres. Atrás dele, de *bonet* de pêlo, o príncipe de Gales, e ao lado deste o príncipe herdeiro da Bélgica



A DIREITA: — Na esplanada dos Inválidos. — O discurso de Poincaré antes da entrada do féretro no Panteão

(Fotos inéditas e exclusivas para Ilustrações de H. Manuel — Paris).



No Salão do Pôrto exporá J. Bielmann, Sucessores, os seus materiais de construção e decoração moderna, CERESIT

ACTUALI-
DADES



A VISITA PRESIDENCIAL A GUIMARÃES. — À esquerda: Na Trofa: — O chefe do Estado com o comandante da 1.ª Região Militar e autoridades vimaranenses que o vieram aguardar. No oval: O sr. Arcebispo Primaz, de Braga, lançando a bênção, na igreja da Colegiada, de Guimarães, ao novo estandarte do «Domus Municipalis».



NO OVAL, à esquerda: — Comissão de senhoras de Gaia que efectuaram uma «quêta» de beneficência naquela vila. No medalhão: A rua da República, em Guimarães, ornamentada para a recepção ao chefe do Estado.



EM CIMA: — O feretro do falecido ministro de D. Carlos I, conselheiro João Franco de Castelo Branco, na estação do Rossio, esperando o embarque para a Beira, província onde nasceu o extinto político.

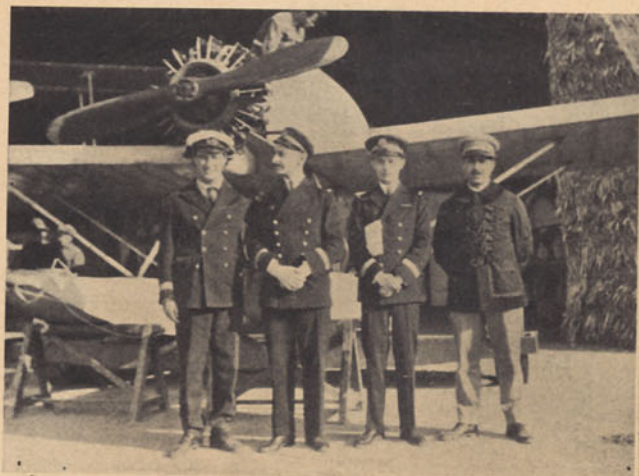
A DIREITA: — A urna contendo os restos de João Franco, à saída da Basílica da Estrela para se organizar o cortejo fúnebre.



EM CIMA: — As exéquias solenes realizadas no Pôrto por alma do grande cabo de guerra francês; Marechal Foch. Interior da igreja dos Congregados durante os officios fúnebres a que assistiram as autoridades civis e militares, delegações e estandartes dos regimentos, e muito povo.

(Fotos de Alvaro Martins).

No Salão do Pôrto exporá os seus produtos químicos a conceituada COMPANHIA PORTUGUESA HIGIENE L.^{da}



NO MEDALHÃO, à esquerda: — A mascotte da aviação naval portuguesa em Macau. O côsito «Fairey».

(Foto comandante José Cabral)



NO OVAL, à direita: — Carlos Carneiro, desenhador e pintor ilustre, e campeão de hipismo, num dos saltos na poule hípica do Bessa.



EM CIMA, ao alto: — Em Macau. — Por ocasião da visita do Besson, pequeno hidro-avião do cruzador francês «Jules Michelet», que foi cumprimentar o governador da Província em nome do almirante francês. À esquerda: O comandante José Cabral, os «clientes» Amanrich e Salés e o tenente Moura, comandante militar da Taípa. À direita: A recepção no Palácio do Governo. Ao centro da foto: O governador e M.^{tes} Tamagnini Barbossa.

(Fotos comandante José Cabral).



EM BAIXO: À direita: — Na poule hípica do Bessa, Pôrto, Senhoras que assistiram à bela festa.

(Foto Alvaro Martins)

À esquerda: — Um famoso salto na poule hípica realizada no campo do Bessa, Pôrto, com o maior êxito.

AO CENTRO: — Visita dos empregados superiores da Casa Irmã Maria Borges & Irmão, do Pôrto, às Fábricas de Tecidos da Arcoza, do ilustre industrial Manuel Pinto de Azevedo, que está no centro do grupo.

No Salão do Pôrto exporá a COMPANHIA INDUSTRIAL E MINEIRA DE PORTUGAL os seus cimentos, cal hidráulica e carvões do Cabo Mondego

“GOLF,” NO ESTORIL



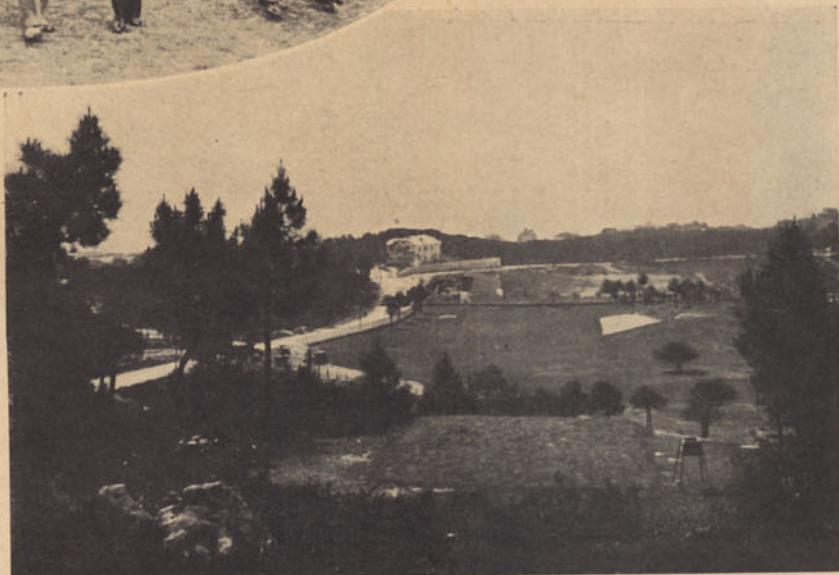
Os Estoris, região privilegiada de Portugal — o mais formoso mar e o mais deslumbrante céu de todo o mundo — os Estoris acabam de ser dotados com um melhoramento que fará rejubilar a onda de estrangeiros que ali aflui a todos os momentos. O novo campo de golf inaugurado há dias no Estoril é um dos melhores da Europa: a sua vastidão, o maravilhoso panorama que o rodeia, habilitam-no a ser o ponto de reunião da selecta sociedade que enche as ridentes e ensoalhadas



As nossas gravuras representam :

Em cima, à esquerda, um aspecto do campo de golf; no medalhão, a esposa do sr. Presidente do Ministério dando a bola de saída para o primeiro jogo; no primeiro oval, um aspecto da selecta assistência, tomando chá; no oval inferior, o sr. Presidente da República com alguns membros do governo e o sr. Fausto de Figueiredo seguindo as fases do jogo; no medalhão, um jogador inglês numa das fases do jogo; por último um aspecto do mesmo campo de golf.

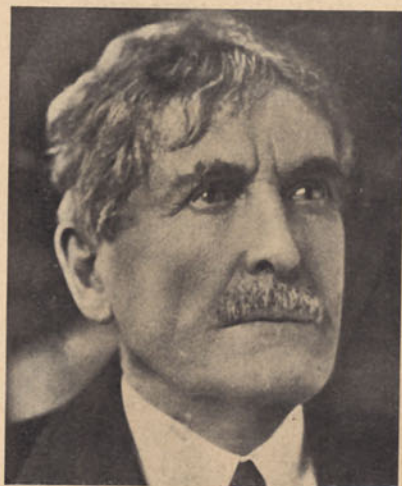
(Fotos M. Naves).



praias estendidas ao longo da linha admirável terminada pela baía de Cascais. O novo campo de golf, veio corresponder aos desejos de todos os estrangeiros que se encontram em Lisboa e é mais um importante melhoramento devido à incansável boa vontade e energia do sr. Fausto de Figueiredo.

No Salão do Pôrto, a fábrica de CAMILO FRANCISCO RODRIGUES exporá os seus tapêtes e capachos de pita e côco, artigos de coiro, etc.

FIGURAS DO MOMENTO



MYRON T. HERRICK

E MBAIXADOR dos Estados Unidos em Paris, amigo dedicadíssimo da França, cuja recente morte foi sentida sinceramente.

(Foto H. Manuel)



CORRÉA CALDERON

GRANDE amigo de Portugal, o poeta galego Corréa Calderon é a alma do movimento da «Semana Galega» em Portugal, como António Ferro o é da «Semana Portuguesa» na Galiza.

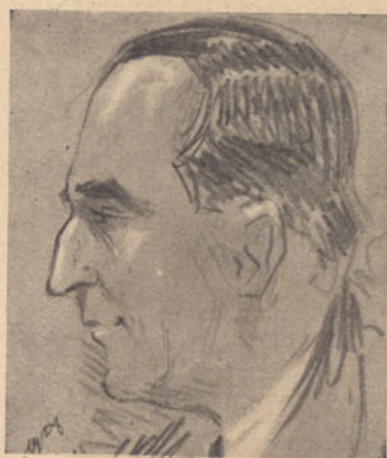
(Desenho de Angel Johan)



CONSELHEIRO JOÃO FRANCO

O último ministro de El-Rei D. Carlos, a figura mais veemente e combativa do antigo regime, a quem se devem, insofismavelmente, valiosos serviços reformadores, em especial no capítulo Instrução, e que acaba de finar-se entre a veneração unânime de amigos e inimigos políticos, todos concordes sobre a sua alta individualidade moral e intelectual tantas vezes manifestada com energia e desassombro.

(Foto «Notícias»)



A. GUSMÃO NAVARRO

ERUDITO heraldista e bibliófilo, que vai editar amorosamente uma curiosíssima revista de velharias, «Féira da Ladra», sob a direcção de Cardoso Marta.



JAIME DE BALSEMÃO

ELEGANTE prosador que acaba de lançar mais um volume, «Os deuses de Liliput», merecedor de entusiástico aprêço.

(Quadro à óleo de Mendoza)

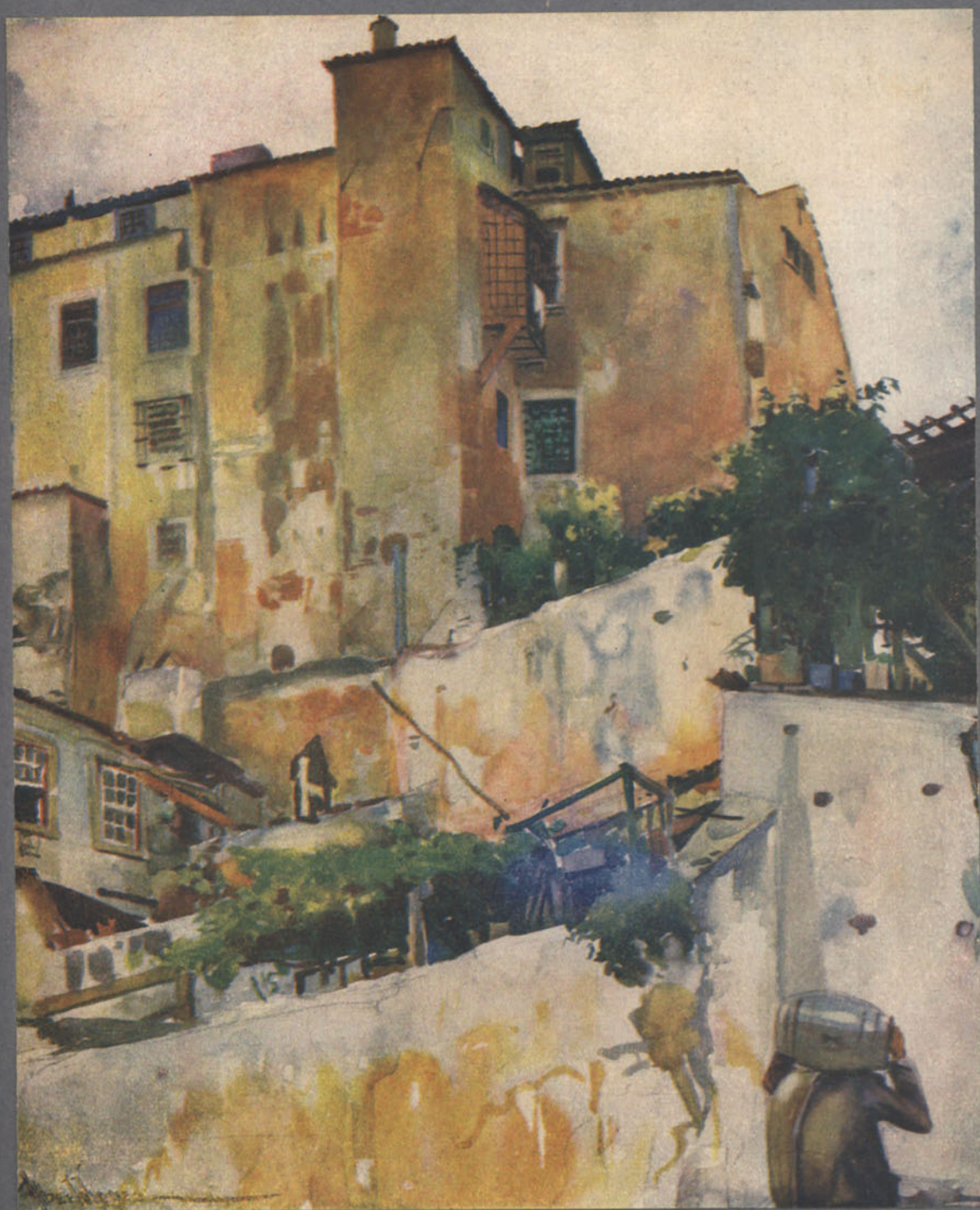


MARGARIDA LOPES

DE ALMEIDA

MARAVILHOSA artista brasileira, descendente de uma notável dinastia de soberbos artistas literários, escultora brilhantíssima e declamadora de enorme relêvo, que há pouco encantou Lisboa com a sua série de recitais de poesia portuguesa, francesa e brasileira, todos coroados do maior êxito artístico, literário e mundano.

O grande industrial do Norte, MANUEL PINTO DE AZEVEDO, concorre ao Salão do Pôrto com os produtos das suas fábricas da AREOSA e SENHORA DA HORA



ALBERTO DE SOUZA — Velhas casas lisboetas

(AGUARELA)

Sangue e Sol

por JOSÉ MÁZ.

ILUSTRAÇÕES DE STUART CARVALHAIS

— Nesta brilhante «pleiade» de escritores espanhóis contemporâneos que desfilam número a número através das atentas páginas da nossa revista, e que já lhe dá já a considerar-se como o melhor repositório em português da interessante literatura do país vizinho, não podia faltar, sem imperdoável deficiência, o nome amigo de José Máz. O ilustre escritor sevilhano, que representará no variado mapa literário da Espanha a nota das grandes emoções em romances que são um alarde da sensibilidade viva e colorista da sua Andaluzia, é um entusiasta pelas coisas portuguesas, e se o seu reconhecido valor de novelista não fôsse bastante a recomendar-lo aos nossos leitores com toda a nossa admiração, isso seria suficiente a grangear-lhe a simpatia e o afecto de todos os que nesta casa trabalham. José Máz inicia hoje a sua colaboração nesta revista com um formoso conto, que é um interessante quadro dumas das regiões mais típicas e curiosas da Espanha.

I

— Vocês não sabem o que dizem quando me propõe essa loucura, essa profanação.

O senhor Gervásio deixou falar tranquilamente o sacerdote, e, apesar daquela negativa, rotunda e inquebrantável, expôs novamente as suas poderosas razões.

— Previno-o, padre, de que se não acede ao nosso pedido todo o bairro se indisporá consigo. Não lhe pedimos o andor da Virgem para nada de mau. A Virgem é a nossa Mãe Santíssima. O Belmonte é como se fôsse seu filho. Quero-lhe dizer com isto que o Juanillo é o ídolo do bairro, e que um ídolo não se pode trazer da estação numa tipóia, nem num automóvel, nem a *bates*. Trás-se como corresponde à sua jerarquia, compreendem?

E o senhor Gervásio, depois de pronunciadas estas palavras, deu um bufido que lhe inchou a barriga ainda mais do que o costume; deitou para trás o chapéu cordovês e com a nodosa bengala bateu ruidosamente nas louzas da sacristia. Os outros que o acompanhavam inclinaram a cabeça em sinal de aprovação e esperaram com ansiedade a resposta do pároco.

O padre Enrique ladeou picareseamente o barrete, e, com as mãos na cinta, como se iniciasse um passo de tango, replicou com valentia:

— Não insistam mais. O que pretendem é uma monstruosa profanação. Ninguém pode consentir uma brutalidade dessas. O andor da Virgem para trazer um toureiro. Que loucura! Decididamente vocês não sabem o que solicitam.

Então o senhor Gervásio, sentindo-se ferido na sua dignidade, redarguiu:

— Bom. Perfeitamente; mas conte com as

conseqüências. Vimos aqui comissionados por todo o bairro e, quando se souber a negativa, vai-se armar uma zaragata que até arde a própria Giralda. Fique sabendo!

E, dando meia volta, seguido do resto da comitiva, dirigiu-se lentamente para a porta de saída.

Quando ia a descer a escada da sacristia, o padre Enrique, que batalhava certamente com descontraídos pensamentos, deteve os indivíduos da comissão, dizendo-lhes:

— Compreendam que o que me pedem pode custar-me a carreira. Passou depois a mão pela testa e acrescentou, entre indeciso e preocupado: — Pode ser, no entanto, que cheguemos a um acôrdo.

— Fá-lo lia Deus, santo padre — respondeu o senhor Gervásio, alizando uns matacões que lhe caíam por diante das orelhas e se lhe enroscavam como as pontas dum bode.

— Espere, espere; não quero dizer que me decidisse ainda. A coisa é grave, como compreende; mas, que demônio! (E aqui baixou a voz misteriosamente). Arrostaria tudo, tudo, ouviu? se em vez de trazermos o Belmonte na andor da Virgem, trouxéssemos o... Gallito, que também chega amanhã e que na última que toureou em Madrid fêz sorrir de gôso os próprios anjos.

Os olhos do senhor Gervásio relampejaram. Deu depois uma forte cacetada no chão, e, cuspidando pela fenda dum dente, olhou desdenhosamente para o padre Enrique, prorrompendo furioso:

— *Gallista*, hein? Então não querem ver!... *Gallista* e dizendo missa na paróquia de S. Januário! Por estas não passo eu! Macacos me mordam, se não consigo que o tirem daqui. Cá, em Triana, não queremos *Gallistas*. Aqui todos somos *belmontistas* e quem

não o fôr que se ponha ao fresco. Compreendem?

E o tio Gervásio desapareceu, arrojando-lhe um último olhar de desafio e rancor.

II

O senhor Gervásio tinha umas oficinas de marcenaria no bairro de Triana. Era casado com a senhosa Tomasa, gorda e apoplética como êle; e, desta exuberante união, surgiu um filho que se criou esquelético como uma cana e triste como um chorão.

Se o senhor Gervásio se desviava pelos toiros, a senhosa Tomasa não lhe ficava atrás. Durante as refeições, o casal falava das prodigiosas *faenas* de Belmonte, o divino, enquanto o pequeno, que já tinha catorze anos, baixava a vista, sentindo-se mais fraco e insignificante.

O casal tratava aquele filho, carne da sua carne, como um intruso. Dias antes de dar à luz, o tonel da senhosa Tomasa, lançou-se de joelhos diante da Senhora do Ó, pedindo-lhe exaltada:

— Oh, minha Mãe Santíssima! Dá-me um filho que, embora seja um grandíssimo traste, tenha sangue toureiro!

E, com efeito, a Virgem não fêz caso da súplica.

O Juanillo sofria terrivelmente com aquele desapêgo dos pais; ralhavam-lhe por dá cá aquela palha, zombando da sua timidez e da sua falta de unhas.

Só lhe falavam com doçura quando, ao terminar a comida, se dispunham a ler em *El Liberal* a crônica taurina. O casal, que não era nada devoto da letra de imprensa, encarregava o Juanillo da leitura, e a sua voz suave e trémula, levantava-se no silêncio da sala, relatando os proezas dos toureiros, ensombrecidas às vezes por algum desenlace trágico.

A senhosa Tomasa e o senhor Gervásio,





ouviam com religiosidade, como sacerdotes dum culto misterioso, aquelas crónicas de sangue e de sol.

III

Tão bem se mexeu o senhor Gervásio e com tão boas cunhas contava que, poucos dias depois da questão com o padre Enrique, veio um novo pároco para a igreja de S. Januário.

O senhor Gervásio andava radiante de felicidade: além de se ver livre dum inimigo, no Domingo seguinte, Belmonte, o deus do toureiro, ia despachar seis *miuras* (1) na praça de toiros de Sevilla.

Em Triana não se falava de outra coisa.

Era uma loucura, uma vertigem, qualquer coisa que arastava a gente para fóra da realidade nas asas do prodigioso.

Era o fim do mundo! O *Juanito* que ia matar seis *miuras* como seis *catedrais*! Um acontecimento!

O desprêso pelo filho inútil exacerbou-se no casal. No domingo de manhã, antes da corrida, a senhora Tomasa e o senhor Gervásio dirigiram-lhe novas palavras mortificadoras.

— Não serves para nada. Ainda não vimos em tí uma chispa de coragem nem de entusiasmo. Nem sequer te atreveste a pedir-nos dinheiro para irs aos toiros. És uma verdadeira lesma.

Ao sentir o insulto em pleno rosto, o filho ergueu-se; empalideceu como se todo o sangue lhe fugisse das veias e pelas suas pupilas negras perpassou qualquer coisa de acerado e frio.

O senhor Gervásio não reparou no insólito olhar do filho.

IV

O sol triunfava entre aquela sinfonia de luz, de cor e de linhas. A arena resplandecia como uma moeda de ouro. As bancadas iam-se enchendo duma multidão inquieta e pitoresca. Lá no alto, as elegantes colunas que

sustentavam os arcos romanos, scintilavam com brancura de prata, e eram uma nota virginal naquele delírio de matizes.

Os cravos incendiavam-se nos peitos das mulheres sevillanas. Cheirava a flor de laranjeira, a nardos e rosas, e sob a renda das *mantillas* brancas rebrilhavam olhos nazarenos. Os rostos, como num sortilégio, iluminavam-se com olhares magnéticos, feiteiros, trágicos, que arrastavam à morte.

No ambiente cálido esfumavam-se as sombras. Mãos febris e impacientes agitavam leques, e, ao moverem-se no ar soleado, era como se naquele instante a praça se cobrisse de infinitas borboletas de côres.

A varanda dos camarotes que cingia o circo pela sua parte mais alta, via-se de onde a onde adornada com policromos chailes de Manilla, e quando o vento movia as suas franjas sedosas e compridas, as rosas tremiam no fundo, como se o sol lhes queimasse as pétalas.

Detrás do telhado circular, salpicado de azulejos brancos e verdes, a Giralda, dum rosa-pálido, assomava sob a luz da tarde.

Um clamor da multidão que se apaga bruscamente. Um pano que se agita na presidência. Uma música alegre que difunde pela praça o entusiasmo da festa; depois, um deslúbramento, um alarde de gemas, uma palpação de côres prodigiosas sobre o disco polido e doirado da arena.

E o irromper das cortesias, é como um colar de turquesas, safiras, brilhantes e rubis. Scintila a prata e o ouro dos alamares, brilha a seda dos capotes de passeio, e os bonecos

mãos infantis, levanta ao alto o casaco que tinha tirado, e tranqüilo, risonho e magnífico, espera a saída da fera.

O senhor Gervásio, que ocupa com a senhora Tomasa uma barreira, julga-se sob os efeitos dum terrível pesadelo.

Mas não há dúvida. É ele. O seu *Juanillo*. A senhora Tomasa reconhece-o ao mesmo tempo. O amor de pais surge instantâneo. E, ante o perigo, têm um momento de angustiosa ansiedade.

A fera brota do covil, negra, terrível, apocalíptica, e lança-se para aquele bonequinho ajoelhado, que parece implorar-lhe piedade. O rapaz esquiva a investida e, com o casaco, dá um formidável passe. O touro rug e passa sem lhe tocar. Um aplauso estrondoso ressoa na praça. A senhora Tomasa e o senhor Gervásio também aplaudem com louco frenesi e orgulhosos do seu triunfo não deixam de exclamar com gritos estentórios:

— É nosso filho, é nosso filho!

De repente, um alarido de terror safu de todos os peitos. O touro voltara-se rapidamente, e, vendo ainda perto aquela figurinha que o tinha ludibriado, arrojou-se novamente sobre ela.

Foi um instante de tragédia. O pequenoto correu para se esconder na trincheira, mas as pernas dobraram-se-lhe. O terror paralisou-lhe todos os movimentos. E o touro sacudiu com crueldade aquele tenro corpinho. Quando o puderam livrar da fúria do animal, só teve alento para lançar um ai! dilacerante. E cafu ensangüentado e inerte.

O sangue do *Juanillo* na areia doirada do



trágicos, como se estivessem iluminados por dentro, resplandecem com reflexos multicolores.

O colar desfaz-se. Os picadores ocupam seus postos e descansam tranqüilos sobre triste e famélicas cavalgadas.

Faz-se um silêncio profundo e emocionante. Um clarim resoa por todos os âmbitos da prata, e corta-se o anel da trincheira para dar saída à fera que vem ao encontro da morte.

De súbito, o público lança uma exclamação de assombro. Sem se saber como, um rapaz salta hábilmente para a arena, e evitando os braços que procuram detê-lo, corre para a porta do curro. Ajoelha-se, e com as suas

circo, lembrava uma trágica bandeira nacional.

A senhora Tomasa cafu desmaiada nos braços do esposo.

V

Desde aquela terrível desgraça, não se tornou a ver o senhor Gervásio numa corrida.

E contam que, ainda passados muitos anos da morte de seu filho, quando, no café, os amigos discutiam acerca de toiros, o senhor Gervásio levantava-se silenciosamente, pegava no chapéu e no inseparável cacete, e desaparecia sem se despedir de ninguém, levando um lenço aos olhos que o pranto humedecia.

(Exclusivo de «Ilustração».)

(1) N. do T. — Alusão à célebre e temida ganaderin do mesmo nome.

VIDA COLONIAL



ANGOLA E A SUA RIQUEZA CINEGÉTICA. — CAÇADAS E CAÇADORES. — AS «PACASSAS» E OS «UNGIROS». — COMO SE PODERIA FAZER PROPAGANDA TURÍSTICA A SOMBRA DAS DIVERSÕES CINEGÉTICAS.

EM CIMA: — Uma «pacassa» ferida em pleno mato, momentos antes de ser tombada pela bala de misericórdia. Ao centro: — depois de algumas horas de caçada a «pacassas», e «ungiros» por atradores de Loanda



NO OVAL DA ESQUERDA: — No mato do interior de Loanda. Uma «pacassa» tentando fugir aos caçadores. No oval da direita: — Em pleno mato africano; um belo exemplar de «pacassa», no momento de ser alvejado pelos primeiros tiros



As colónias portuguesas do continente africano são prodigiosos alfobres de riquezas as mais variadas. Estamos, nas nossas páginas, organizando um arquivo de belezas e riquezas coloniais com a esperança de que a sua divulgação traga alguns bens.

As suas culturas, as quedas de água prometedoras dum futuro magnífico, o clima tão calmiado e tão recomendável em certas regiões, o seu saneamento em vias de conclusão, as suas vias de transporte e comunicação de tão perfeita rede, tudo, a pouco e pouco, iremos revelando aqueles para quem o nosso império de Além-Mar é uma tenebrosa lenda, um polvo medonho que nos suga dinheiro e dá biliosas.

A nossa página de hoje refere-se a um aspecto particular da nossa riqueza africana;



Uma pequena «pacassa» colhida no mato e domesticada pelo nosso amigo sr. Francisco de Sousa, acariciando o dono

(Fotos colhidas pelo sr. F. de Sousa — Loanda)

a riqueza cinegética de Angola. As caçadas grandes, a colheita dos dentes de elefante, por exemplo, constituem o modo de vida de muitos profissionais, mas não menos importante é a abundância de caça para os caçadores por desporto, sabido como a riqueza cinegética é um belo elemento de atracção para os turistas.

Todos os anos a India Inglesa e a Colónia do Cabo arrecadam nos seus cofres avultados importâncias de licenças de caça a turistas. Pois em Angola existe uma maior abundância cinegética e bastaria uma campanha de publicidade para ali atraír amadores de caça, a espécie turística que mais proventos pode deixar numa região pela sua maior permanência nela. Faça-se pois a propaganda da riqueza cinegética de Angola.

No Salão da Primavera, do Pôrto, expõe as suas maravilhosas MEIAS DE SEDA, a maior fábrica da península SIMÕES & C., de Lisboa

P E S S O A S

QUE TODOS CONHECEMOS

O BORGES QUE NOS ARREMESSA «PERDIGOTOS» — O FILÓSOFO SALCÊDE DOS MIL E UM ASSUNTOS — O SENHOR BOATEIRO — O NUNES E O SEU ESTRIBILHO «VERDADE» — OS «PAPOS-SECOS» DOS AUTOMÓVEIS VERTIGINOSOS



...Vulgarmente designadas por perdigotos.

Um pouco de razão tinha Henrique Ibsen, ao exclamar pela boca de uma personagem do *Inimigo do Povo*, salvo erro: «O homem só é o mais forte!» Efectivamente conviver é transigir, e quem mais convive mais transige. Feliz aquele que pode, pelo isolamento, furtar-se ao contacto do mundo!

O jornalista, forçado a conhecer toda a gente e a manter relações, embora superficiais, com pessoas de todas as categorias — desde o carroceiro analfabeto ao sábio impregnado de erudição, desde o matulão cadastrado à poetisa elegante e requintada — pode considerar-se um verdadeiro mártir da sociedade. Todos os dias é encontrado, mesmo quando não está no exercício da sua malfadada profissão, um ou mais cavalheiros insuportáveis que lhe roubam o apetite às amargas sopas ganhas sabe-se lá com que sacrifício.

Logo de manhã, em pleno Chiado, o primeiro massador que nos corta o passo, por mais afazeres e pressas que inventemos, é o Borges.

Os leitores não conhecem o Borges, nem é mesmo aqui se reconhecerá, não só porque todos vêm o argueiro no olho do vizinho (sabem o resto), como porque emprega-

remos sempre nomes supostos para evitar conflitos. O Borges é um magrizona de nariz adunco, grandes dentes de cavalo e bengalita com um cabo de osso — talvez feito dos próprios dentes. Como estes lhe atravancam a boca, o nosso impertinente amigo tráz-los quasi sempre à mostra. A língua e a saliva, em casa tão mal arrumada, despedem-se com violência para a frente. Borges, quando fala, aproxima a sua cara da nossa, e isso não seria o mais lamentável, embora o seu rosto não reúna a harmonia do da Vénus de Milo, se ele não cheirasse horrivelmente da boca e não expedisse, sem interrupção, uma densa nuvem de pequenas bolinhas de espuma, vulgarmente designadas por *perdigotos*.

Quando, finalmente, nós, o mártir, conseguimos apertar a mão ossuda de Borges e, limpando o rosto húmido da conversa, proseguimos, suspirando de alívio, o nosso caminho livremente, o Salcêde, que é um ocioso filho de família, muito lido e intelectual, corta-nos o passo. Sentimos cair a alma aos pés, e os leitores sentiriam idêntica comoção se soubessem quem é essa fera do diálogo.

O Salcêde principia por não largar da sua a mão com que o cumprimentamos, e, amável e sorridente, tendo-nos sempre bem seguros, felicita-se pelo encontro (enquanto nós nos lamentamos) porque tem um caso curioso a contar-nos. E para nos atrair melhor, diz-nos quasi em segredo, a espicaçar-nos a curiosidade:

— Você é novelista e pode pôr isto num romance...

Em seguida fita-nos bem de frente. Tememos aquele olhar inquiridor. «Que diabo notará em nós o Salcêde?» preguntamos atemorizados aos nossos botões. Ele explica-se depressa, porque as suas pausas são breves.

— Homem, você tem má cor! Está doente? Não está? Ainda bem. De resto, não se apouquente: há quem tenha péssima cor e goze perfeita saúde. É uma questão de pigmento — e este é muito variável de pessoa para pessoa, de provincia para provincia, de país para país, de continente para continente, de planeta para planeta. Diabo: agora exagerei!... Fiquemos nos continentes porque eu não sei se os outros planetas são habitados. Mas ainda havemos de sabê-lo. Não acredita? Não, não acredita, porque você é um sceptico incorrigível. O scepticismo é uma boa filosofia. A dúvida, já disse alguém, é a única certeza que nós temos. Antes scepti-

cismo do que sectarismo, não acha? O sceptico é mais intelectual, o que não impede que os sectários sejam úteis à humanidade. Sem eles, como poderiam as religiões durar séculos? O sectarismo cristão tem páginas de heroísmo inolvidáveis — in-ol-vi-dá-veis! É certo que atingiu aspectos odiosos. A Inquisição é um deles. E a propósito de Inquisição, você acredita no apregoadado ódio do Marquês de Pombal aos jesuitas? Não, não acredita. Você é demasiado inteligente para acreditar nessas patranhas. Pombal foi grande porque houve um terramoto. A reconstrução de Lisboa é alguma coisa. Não lhe perdôo o estilo pombalino. É pesado, brutal e taciturno como o temperamento do primeiro ministro de D. José.

— Salcêde amigo tenho tanta pressa! — exclamamos quasi sufocados.

Ele ri-se de nós e, com a nossa mão presa na sua, toma outro rumo de conversa:

— Espere um pouco. Tenho um caso muito interessante a contar-lhe. Um homem como você não deve ter pressa. É preciso opôr resistência aos defeitos do nosso século. Não reparou que vivemos numa época de pressa?



B liberta-nos, gritando: Cândido!... oh Cândido!

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostos os magníficos perfumes de NALLY, essências, pó de arroz, sabonetes — BENAMOR, MARQUITTA e NOTRE DAME



Não quer comer do que lhe oferecemos...

Não, não sabemos. Ele, então, radiante de nos encontrar em ignorância, informa:

— Acautela-te. Está na forja uma revolução formidável. Os revolucionários têm tudo minado, tudo. Vai ser o demônio. O banqueiro X já deu dois mil contos para a revolta e o general Z pôe-se à frente das tropas.

Aproxima a bôca do nosso ouvido, obrigando-nos a uma posição incômoda e comprometedor, para nos dizer a hora precisa a que a insurreição estalará, o nome dos futuros ministros e dos chefes de gabinete, os grandes vultos que serão fuzilados, as grandes reformas a que se procederá. E, mal terminado o informe, despede-se para ir a correr informar outro amigo do que em regra nunca ocorrerá.

Eram homens desta espécie que nos tempos da grande guerra nos falavam em segrêdo das barbaridades teutônicas...

Entretanto são horas de almoçar. Entramos num restaurante por dever de officio. Procuramos um gabinete reservado — reservado por um reposteiro, que pouco ou nada reserva — para estarmos a coberto das investidas dos impertinentes.

Vem o criado com a lista e cumprimentamos pelo nome. Maldizemos a nossa celebridade.

— Bem, muito obrigado. Traga-me um bife.

— O sr. Mário quer bem passado?

— Bem passado.

O criado desaparece. Esperamos cinco minutos, dez, vinte, meia hora. Batemos as palmas, impacientes. O reposteiro afasta-se.

— Então êsse bife? Olá, Nunes, como vai essa saúde? É servido de almoçar?

O criado não appareceu, mas surgiu o Nunes, por mal dos nossos pecados.

Os leitores também não conhecem o Nunes, mas infelizmente conhecemo-lo nós. É baixo, cheio e pacato. Fala descansadamente. Não quer comer do que lhe oferecemos, apenas nos deseja dar o prazer da sua companhia. Quando o bife chega, deita-lhe um olhar melancólico, triste, quasi lacrimoso. Solta um suspiro, reage, por fim, contra a sua melancolia e diz, num ar de quem profere uma sábia sentença:

— Com que então fazendo bem à barriga, não é verdade?

— É verdade, amigo Nunes. Que se conta por af?...

— Que eu saiba, nada. — E depois de meditar um pouco: — Conhece o Perdiz, não é verdade? O Perdiz era um rapaz que tinha a sua vida estragada, não é verdade? Bem. Um dia pediu-me que o empregasse no meu escritório, não é verdade? Bem, empreguei-o com o esplêndido ordenado de duzentos mil réis por mês, não é verdade? Solteiro, sem pensão de família, que mais queria êle, não é verdade? Bem...

— Ó Nunes, doi-me tanto a cabeça... — dizemos em tom supplicante.

Mas o Nunes entendeu que havia de nos contar a história do patife do Perdiz a quem deu o maravilhoso ordenado de duzentos escudos e que acabou, o ingrato! por fazer um desfalque de cinco contos para fugir para o Pôrto com uma costureira. Nunes, vamos nós na sobremesa, ainda nos falava assim:

— Ora, você faz novelas, não é verdade? Bem, muito bem. Os seus assuntos são inspirados na vida rial, não é verdade? Um rapaz ingrato para com um amigo por causa

de uma costureira é um assunto inédito, não é verdade? Bem, muito bem...

Despedimo-nos do Nunes. As dores de cabeça persistem. O resto do dia decorre-nos mal, porque a nossa disposição é má. Finalmente, aproxima-a a noite libertadora. Atiramo-nos para o estof de um banco do combóio eléctrico do Estoril. Como o banco é de três lugares instalam-se junto de nós dois rapazes de calças largas muito elegantes, muito snobs. Um é alto e forte e usa monóculo — que é uma coisa que já não se usa; outro, baixo, magro e franzino dentro do fato largueirão, dir-se-hia possuir pernas de trapo quando as cruza.

O franzino é falador. Fala muito alto para que toda a gente o ouça, e fuma, com grandes gestos da mão enluvada, para que todos reparassem nos seus cigarros de ponta vermelha.

Uma vez instalados, continuam a conversa que já traziam da rua. Diz o franzino:

— Parece que ainda lhe deram seis contos por êle. A marca era boa, mas o carro estava muito usado. O Miguéis dava-lhe maus tratos. Lembra-te do passeio que demos com êle? Formidável! Como êle subiu a rampa da Pimenteira! Bestial! Ele agora comprou um «Buick». Não é mau. O outro dia fomos a Sintra nele. Tivemos uma *dérrapage* colossal. É verdade, que fizeste do teu «Packard»? Não te desfizeste dêle?... É um esplêndido carro. O meu pai quer comprar um, mas andam-lhe a meter na cabeça que compre antes um «Chrysler» ou um «Nash». Que dizes? O «Chrysler» é seguro e elegante. O Brandão tem um esplêndido. Há dias fomos à Ericieira e apanhamos todos uma bebedeira tremenda, bestial, e o carro vinha aos ss pela estrada, mais embriagado do que nós. Colossal! Bestial!

Nós iamos escutando involuntariamente



Dois rapazes de calça larga...

aquela conversa *bestial*, não porque nos interessassem os automóveis, mas porque esperavamos a cada momento que os dois elegantes falassem de assunto mais agradável. Dizem que onde quer que se encontrem dois homens é inevitável a conversa sobre mulheres. Pois podemos garantir-lhes, leitores, que os dois *papos-secos* nem de longe nelas tocaram.

Por isso descemos em Parede absolutamente desanimados — com a certeza de que no dia seguinte idénticas scenas ocorreriam.

MÁRIO DOMINGUES.

Anda toda a gente ofegante. Corrida para aqui, corrida para ali, combóios americanos a cento e cinquenta à hora, automóveis a duzentos, aeroplanos a trezentos. Jesus: que loucura de velocidade para se chegar sempre tarde! Não sei para onde vai a pobre humanidade nesta corrida louca. Eu ando sempre devagar, porque «devagar se vai ao longe» — conhece o ditado. É italiano. Os italianos nunca foram muito fortes em filosofia, mas desta vez deram no vinte. É agora por italianos, que me diz você a Mussolini? Estupendo, hein? Sabe que êle quer colônias e a Sociedade das Nações tem que lhas dar. Você verá. Quere povoar a África de italianos. Eles são como os coelhos: nascem por todos os cantos. A Itália é pequena para êles. Se os deixam pôr pé em África, dentro de dois séculos não há por lá senão italianos; os pretos desaparecem. E tem graça: a raça negra que no seu continente é tão escassa, tem na América do Norte uma população fantástica. Nascem pretos na América como cogumelos na Europa. Você já comeu cogumelos? Aposto que nunca comeu. É um manjar delicioso! Há de ir um dia a minha casa cogumelos, que me diz você à Exposição de cozinha magistralmente. A propósito de cogumelos, que me diz você à Exposição de Sevilha? Vai ser qualquer coisa de formidável! Quatro milhões de sul-americanos a desembarcar em Lisboa. Você já pôs bem na sua idéa o que será o desembarque de quatro milhões de americanos? É nós sem alojamentos! Eu, se fôsse govêrno, não deixaria desembarcar um único turista que não fôsse vacinado. Não sei se você crê nos efeitos saltares da vacina... Vai ali o Cândido, o Cândido pessimista. Candido! O Cândido!

Faz porta-voz com as mãos e liberta-nos. — Cândido! O Cândido!

Enquanto Salecêde, já esquecido de nós, chama pelo Cândido, retiramo-nos discretamente, cambaleando, atordoados, a cabeça esvaída, a paciência esgotada e o apetite perdido.

Mas passemos a outra qualidade de criaturas humanas que frequentemente topamos no nosso caminho: os boateiros.

Há o boateiro por instinto, bem intencionado, amigo de nos trazer ao corrente das mais sensacionais novidades. Contra êle toda a repressão governamental é vã.

Antes de se informar da nossa saúde, sr. Boateiro, olho scintilante de alegria, braços erguidos de entusiasmo, exclama:

— Então já sabes o que se passa?

No Salão da Primavera, no Pôrto, exporá a "POMPADOUR" os seus espartilhos e cintas, prodígios de elegância e utilidade

UM NOVO PARTIDARIO DE MALTHUS

A TERRA AMEAÇADA
DE EXCESSO
DE POPULAÇÃO!AS INVESTIGAÇÕES DO PROFESSOR ROSS — O QUE DIZ
O SÁBIO LENTE DA UNIVERSIDADE DE WISCONSIN

De ano para ano os algarismos dos censos oficiais e não oficiais mostram de um modo flagrante que a população mundial está crescendo por tôda a parte de uma tremenda maneira.

Quererá isso dizer que um dia há de vir em que a Terra tenha excesso de população? em que haverá mais bocas para sustentar do que alimentos para elas? Significará isso, infelizmente, que a superfície terrestre se há de encontrar tão congestionada de seres humanos que os futuros habitantes do planeta terão de lamentar a taxa do crescimento presentemente verificada?

Estas momentosas interrogações formam a base de um interessante volume de sociologia devido à pena do Professor Ross, lente da Universidade de Wisconsin e livro êsse recentemente publicado pela Century Company, de Nova York. O Professor Ross, usando das cautelas próprias dum cientista digno dêste nome, hesita em formular profecias formais acêrea do futuro, e juízos terríveis acêrea do presente. Mas, as suas inves-

tigações, conforme se vê pelo *Standing Room Only*, apresentam novos pontos de vista sobre um problema que poderá um dia torturar os filhos e netos da actual geração.

O crescimento da população depende de duas taxas: a da natalidade e a da mortalidade. A ciência médica operou maravilhas durante a última centuria, baixando a taxa da mortalidade e diminuindo a possibilidade de morte por doenças, visto ter apurado as causas de muitas destas que eram contagiosas e descoberto remédios para antes e depois de elas se manifestarem. O perigo da fome já não impende como um tremendo espectro sobre a cabeça de raças inteiras, uma vez que as facilidades modernas de comunicação e a arte de conservar os alimentos revolucionaram as relações de nação para nação.

Desde que os indivíduos deixaram de morrer tanto como antigamente, muitos dêles vivem para a procreação. É este um factor a juntar aos que concorrem para o aumento da população. As únicas influências dalguma importância que contrariam o incremento das



O professor Ross, célebre lente catedrático da Universidade de Wisconsin

populações são as várias *Agências de fiscalização dos nascimentos*. Tal fiscalização é uma ideia relativamente recente. Mas, na Europa e na América, ou melhor em três quintas partes da população mundial não há a bem dizer senão quem pense à oriental, e se sinta satisfeito com a licença para gerar sem limite.

Com que rapidez poderá, porém, crescer a população da globo? É esta uma pergunta que o próprio Professor Ross formula no seu estudo. E, depois de cuidadosamente haver compulsado os censos recebidos de várias agências de todo o mundo, chega à conclusão de que, a moderna população, já hoje composta de famílias numerosas, poderá dar de si o duplo no espaço de vinte anos.

Tudo, pois, que um casal tem a fazer, para a duplicação de povos em referência, é produzir quatro filhos que sobrevivam ao casal. Depois de três gerações com semelhante taxa de nascimentos a população do mundo terá atingido oito vezes o número de hoje.

«Se concedermos a cada século três gerações, em dois séculos a população terá crescido 64 vezes o que era no nosso tempo; em três séculos terão atingido de aumento 512. E que semelhante taxa de crescimento de população não é meramente teórica prova-o o que se passou no Canadá com os franceses. Os 3800 que lá se estabeleceram antes de 1680, haviam-se expandido em mais de 3.000.000 já à roda de 1920, quer dizer uma expansão de mais de quinhentas vezes em pouco mais de 240 anos.»

«Se o cálculo dos casais fecundos der, em vez de quatro, três filhos igualmente fecundos, nesse caso, e concedendo igualmente três gerações por século, a população dobrará em



Uma rua de East Side, em Nova York. Este bairro, há poucos anos quasi deserto, regorgita hoje duma população prolífica em extremo. Dentro em pouco não haverá um metro quadrado de casa para cada habitante!...

No Salão da Primavera, no Pôrto, a grande fábrica de perfumes **COURAÇA** exporá os seus produtos verdadeiramente magníficos



Um núcleo fortíssimo da população extremamente prolífica. No Oriente, segundo o professor Ross, o aumento de população é formidável em curtos espaços de tempo

56 anos. Ao fim dum século será aproximadamente três vezes mais numerosa; terminado o período de duzentos anos esse aumento será de doze vezes; no fim de três séculos terá atingido a taxa de 40 vezes. E o caso é que, exactamente antes da Grande Guerra, a maior parte da Europa estava-se multiplicando ainda mais rapidamente do que isto. Se tivesse semelhante taxa de aumento, no fim das Cruzadas, um simples milhão de seres teria povoado até hoje o mundo como ele está nos nossos dias!»

«O número de filhos que um casal pode ter de modo que um dado número possa crescer, casar e gerar, depende do número dos que morrem anualmente, do número dos que não se casam nunca e da quantidade dos que, casando, não teem filhos. Em 1920, nos Estados Unidos via-se que mil casais fecundos teriam de dar 3,100 filhos de maneira a destes saírem outros mil casais fecundos.»

Seguindo este raciocínio o Professor Ross cita Sir George K. Knibbs, estatístico australiano, que diz:

«As taxas ordinárias de aumento de população, embora pareçam pequenas a alguns investigadores, são-o bastante contudo para, num prazo relativamente curto, trazer perturbações de superpopulação, pelo menos em regiões cuja população já seja apreciável. Os limites da expansão estão muito mais iminentes do que poderá imaginar a opinião popular. A dificuldade futura de fornecer alimentos será bem depressa do mais grave carácter. O esgotamento de energia necessária para tão notável aumento de população, de avanço na existência, ou ambas as coisas, aproxima-se com uma rapidez muito perigosa.

«A actual taxa de aumento da população mundial duplica os povos dentro de 60,15

anos e fornece uma população 3,16 vezes maior no espaço dum século. Dêste modo, em 200 anos a população do globo terá aumentado 10 vezes; em 400 anos será, pois, 100 vezes maior. E, assim, no decurso de sucessivos séculos teremos chegado a isto, em números redondos: em 10 anos a população será de 5,380,000,000; em 200 anos, 17,040,000,000; em 300 anos 53,930,000,000; em 400 anos, 170,710,000,000. A actual população do globo é avaliada em 1,800,000,000.

«Com semelhante taxa de crescimento — comenta o Professor Ross — ainda mesmo que o problema da alimentação da humanidade haja sido solucionado duma vez para sempre pela queda do nitrogénio da atmosfera sob a forma de chuva permanente de maná, daqui

a mil anos já não haverá uma jarda quadrada de terreno arável para uma pessoa só que seja. A uma data não mais afastada de nós do que a da tomada de Jerusalem pelos Cruzados, a Humanidade encontraria justificação bastante para arvorar no nosso planeta a divisão seguinte: *Não há lugar para mais ninguém!*»

Donde virá o alimento para sustentar as grandes hordas que brevemente vagarão pelo nosso planeta? É igualmente o Professor Ross que põe o problema sem lhe encontrar solução satisfatória. Os baldios dos Estados Unidos, são suficientes, segundo os cálculos citados pelo aludido sábio, para prover ao sustento dum adicional de 60,000,000. Mas como prover ao sustento de um bilião?! Vemo-nos em face, pois, dum caso muito diferente... Os trópicos, ainda por utilizar, os «pastos polares» com as suas resinas, as «culturas oceánicas», e as manufacturas de alimentos vindos da terra e do ar são bastante para considerar mas nenhum dêles permite uma optimista visão da maneira de satisfazer as necessidades de tantas bocas esfomeadas!

E o Dr. Ross, em face de tão momentoso problema não encontra solução a dar-lhe. Limita-se a constatar um fenómeno e nada mais, o que... é muito pouco... «Há três quartos de século as doenças crónicas ocasionavam apenas uns dezasseis avos das mortes: os restantes quinze anos eram devidos em geral a infeções. Agora, nos tempos que vão correndo, as doenças crónicas orçam por 1,5 do total. Em vista de tão miraculosas curas e aumentos de população, como poderemos prover ao sustento dos cidadãos que crescem segundo a taxa antiga?»

(Anglo American N. S. Copyright.)



Alimentos para o futuro? As «pastagens polares» de que fala o professor Ross. Estas enormes manadas serão um recurso para os esfomeados do futuro... Mas chegarão?...



Por êsse mundo



Uma noite grata para todos quantos ambicionam a difusão da língua e da cultura portuguesas é a de que uma editorial de Madrid vai lançar nos mercados espanhol e sul-americano vasta série de obras literárias portuguesas. Excelente e louvável iniciativa. Mas... o eterno mas surge sempre... o que não parece tão louvável é a escolha que se vai fazer das obras a traduzir e editar. Não é que, entre os valores consagrados, escolhidos para a nossa representação, não se acham suficientemente representadas todas as correntes literárias. Não. Tão pouco nos é desagradável ver nomes de novos e novíssimos incluídos na lista. É até um dever do selecionador incluir nomes como os de António Ferro, Norberto, Ferreira de Castro, etc., não só pelo seu evidente merecimento mas também porque desempenham na evolução literária da época que decorre um papel inteiramente definido. Mas... santo Deus!... O que não pode tolerar-se como justo é que o sr. Dr. Fidélino de Figueiredo, que não é um escritor artista, só pelo facto de ser o selecionador, atribua a si próprio a primazia na edição com um livro que é, na sua carreira, um passo em falso. O sr. Fidélino de Figueiredo tem muitos méritos didáticos e críticos mas não os iguais em perfeição de prosa nem visão estética. E perfeita que fosse a sua forma literária, o mesmo facto de ser ele o selecionador lhe impunha o dever de começar por quem de direito. E sem querer falar em meia dúzia de nomes literários em plena actividade, supondo que o organizador desejava furtar-se a possíveis melindres, que melhores nomes para inaugurar uma grande biblioteca portuguesa do que os Mestres incontestáveis—Eça de Queiroz, Camilo, Garrett ou Ramalho Ortigão?!... Ou a parcialidade da direcção chegará ao ponto de cegar e não reconhecer, sequer, o valor comercial duma edição destes nomes enormes? Outra pessoa mal servida com a selecção é o próprio Ferreira de Castro com os seus «Emigrantes». Não é este o livro do moço escritor capaz de o lançar fora de fronteiras. Uma colecção das suas fortes novelas emolvas seria mais justa. «Emigrantes», sendo o seu maior êxito de venda, não é o seu melhor trabalho e, portanto, presta-se mau serviço ao talentoso novelista dando-lhe a conhecer este trabalho desigual antes de qualquer outro. E também este artista lucraria em vir a público, em língua espanhola, mais tarde, quando o êxito absolutamente certo dos grandes mestres, canalizasse o público para esta iniciativa, garantindo-lhe assim uma quantidade e uma qualidade de leitores que agora não terá. Sobretudo o que seria preciso é que não fosse a colecção aberta com um livro como o que se anuncia... Depois queixemo-nos do fracasso das iniciativas belas!...

Uma frágil escuna, a «M. Alones», melida a pique por um barco americano da fiscalização da lei seca, dá brado nos jornais de todo o mundo; sobre êle se debruçam, atentos e ansiosos, os diplomatas de dois grandes países. E no entanto, a questão parece ser clara. A escuna, que é canadense (salve-se a honra da marinha de S. M. Britânica) transportava bebidas do Canadá para a América Central, no uso do seu mais evidente direito. Passa, muito embora além da zona dos tratados, mas em frente da livre América e um barco de guerra disfarçado em guarda-fiscal, mete-a, impiedosamente, no fundo, a liros de obuz. Perfeito!... Viza o pacto de Kellog!... Reclamam-se e o potentado, que está zombando do mundo tanto quanto pode, muito mais confluente e antipático do que a Alemanha antes da Guerra Europeia, declara, pura e simplesmente, que, por uma deliberação unilateral, decidiu alterar os tratados internacionais, alle-

rando também o limite das águas em que exerce jurisdição. Esse limite vai, portanto, até além do ponto onde, em plena paz, se ajuntem a obuz quaisquer navios de comércio com tripulação a bordo!... Sensação na plateia internacional. Britania, circumspecta, afivela o monóculo de sir Austen e, depois de levar centos de anos a chamar domínio ao Canadá, declara-se aheia ao facto, que deve ser tratado pelo governo canadiano!... Sensação na plateia!... E o bom Hoover ri-se, o democrático despota, na sua burguesa residência da Casa Branca. Entretanto a paz do mundo está bem entregue a Genebra, à S. D. N. Ela expedirá memorandums e notas conciliatórias; os rebeldes do México continuarão a ser fusilados pelas costas por corpos do exército Estado-unidense; os aviadores americanos servirão Calles com bombas de lacrimogénios, os vapores que levarem gerapiga a bordo irão, implacavelmente, ao fundo e em matéria de águas territoriais os yankees terão a clara ambição que animava o fazendeiro da história que exigia que lhe comprassem o terreno perfurado por um tunel, que passava sob a sua quinta, alegando que a terra era dele, naquela área, até ao centro da terra! E não haverá, felizmente (dizem) a perigosa guerra Britania-Yanquilândia!... E nós com tanta esperança de ver, por fim, ao vivo, a célebre justa dos grilos do Padre Patagónia!...

Sevilha é a palavra mágica do momento. Vai efectuar-se a grande Exposição e todos desentendam, por todos os lados, as mais variadas coisas a expor. Os pintores velhos e os pintores novos querem expor e, o que é mais curioso, parecem, uns e outros, decididos a tomar o monopólio da exposição. O sr. Falcão Trigoz bola carlas e arremele quixotesamente pelos seus antigos e filiados da mesma turma; os escultores querem esculpir, os alfaiates querem cortar andaiuas e expor os chevites lalhados em rabona lusitana. Excelente. Não chegará a exposição para as obras de todos os que, neste operoso país, se sentem homens dos sete ofícios. Exporemos as lapeçarias de Pastana e os Frey Carlos, os quadros de hipólito Santo hipóliticamente atribuídos a Nuno Gonçalves e como tal já afastados com presciência nas Janelas Verdes; exporemos Colares Chillas e Chillas de Alcobaca, calçado mecânico e códices manuscritos, ameixas de Elvas e poemas de João Maria Ferreira. Exporemos até, oh Deus dos céus!... uma coisa rara que se chama... O Panorama Lusitano!... O que é? Não se conta! Só vendo!... São 1.800 figuras ridículas, num espaço de trinta metros quadrados, mechendo-se por cordelinhos numa paisagem de eslopa onde se acolovelam, desesperadamente, a Balalha e os Armazens Grandela, o pôrto de Leixões e as passas do Algarve, um incluindo com água e tudo e a Ceia do Senhor, tudo em gesso e papelão pintado, numa estética cafre, cheio de desproporções, erros e ridículos. Por cima, entre bambolinas de papel azul, o «Jahú» e o arão de Gago Coutinho, cruzam-se em contradição, interminavelmente. E demais! A obra de arte a que nos referimos tem apenas um mérito; há semanas que produz boas receitas de entradas para a Casa de Jornalistas do Pôrto, benemerência esta que comove e é louvável pela justiça... Mas para Sevilha, não! É preciso que as autoridades intertenham e proibam uma exposição de tal ridículo que nos indicaria ao mundo como os sujeitos mais maduros, patucos e tolos de todo o orbe. Que um pobre diabo qualquer gaste anos da vida naquela ridícula chinesco, ou seja para negócio ou seja por mania que caia sob a égide da psiquiatria, vá de barato!... Mas para Sevilha não!... Não pode ser!

E já que falamos de Sevilha. Um punhado de rapazes de força de vontade, portugueses bons, fundou em Sevilha uma obra maravilhosa. Chama-se «Turismo-Portugal» e tem sede em Miguel Moya 11. O seu destino é proporcionar a turistas indicações, alojamentos, guias, excursões, etc., não só em Sevilha e Espanha mas, o que é mais importante, para os que possam desejar fazer uma visita a Portugal e que serão em grande número tal a propagação que os nossos compatriotas estão fazendo do nosso país. O director desta nova agência é o nosso colaborador dr. Luiz Dias Amado Herrero e à sua direcção estão confiados os serviços de reportagem gráfica e literária da Exposição de Sevilha, com destino às nossas páginas.

Jimenez e Iglesias, novas águas unindo num rio formidável o Novo e o Velho Mundo, comovidamente vos saúdamos, oh hermanos de sangue ibérica! Andamos sempre ao desaffo, irmãos da nobre raça peninsular! Quando no século doirado de Quatrocentos começamos a descobrir mundos de ordem peritina: do Infante, logo os espanhóis seguiram a esteira lusada e Colombo (era espanhol? era português? era por certo peninsular!) entretinha a prôa das caravelas de Isabel a Católica para um mundo novo... Acclamamos o desafio e descobrimos a Índia, o continente americano, o Japão, novas terras, novas ilhas que surgiam aos olhos pasmos dos nossos navegantes como galvoas de neve poisadas na mareta azul dos oceanos sem fim... E, tão obstinado era o desafio, laminha a contenda bela posse do mundo que um papa, Alexandre Borgia, tomando em suas mãos o globo como se êle fosse uma laranja, preveniu furoras desavenças e emulações, partindo-o em duas melades: uma para portugueses, outra para espanhóis.

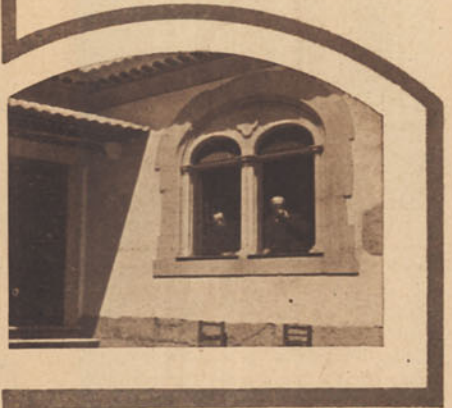
Foram correndo os tempos e, hoje, aí de nós! Já não há mundos a descobrir! Mas os navios doutro tempo tomaram posse dos ares: em vez do pano moreno e sangrante das velas, utilizam azas, largas e espalhadas... Ontem Sacadura e Gago Coutinho; Hoje Jimenez e Iglesias... Continua o desafio antigo, a velha rivalidade? Não!... O que permanece é a psicologia dos povos da península! Não se extinguiu a velha característica da raça! Continuamos a ser os mesmos, oh irmãos peninsulares, irmãos de nobre e alto sangue ibérico!

Fazer bons versos é muito, mas, dizê-los bem talvez não seja menos... Há versos que morrem em bocas de poetas porque não passam, na voz dos seus autores, de meros cadáveres duma ideia, limada como é a palavra, limitados como foram sempre os meios de expressão gráfica. Só a voz humana, possuindo alma, nervos, música e cor-lido, consegue dar ao nosso espírito a visão da fragêda ou comêdia que o poeta quis engastar no inerte veículo das suas emoções— a palavra. Ler um verso é aspirar—quâsi sempre—um perfume de fôlha morta; ouvi-lo é ressuscitá-lo, sentir-lhe o ridículo, deparar com êle vivo, diante de nós, na sua grandeza ou na sua miséria... Por isso queremos bem aos declamadores, daqueles seres cuja voz realiza o milagre almejado pelo Prometeu da lenda: insular o fogo divino no misero barro da criação. E entre êsses animadores da obra dos poetas figura por direito de conquista a sr.^{ta} D. Margarida Lopes de Almeida: a sua voz consegue realçar o milagre: diante dos nossos olhos passa o cosmorama, dorido ou risório, que agillon a alma e o coração dos poetas: é uma voz de evocação e, mais do que isso, de ressurreição.

No Salão da Primavera, no Pôrto, apreciar-se há o magnífico e finíssimo AZEITE SANTA CRUZ, produto de SIMÕES, IRMÃO & C.^{ta}, LTD.^{ta}, das Devezas — Vila Nova de Gaia (Pôrto — R. do Almada, 181)

A CASA PORTUGUESA

CASA DO SR. CLARIMUNDO V. EMILIO
MINDE



(Fotos obtidas com aparelho
«Kodak» autográfico)



Engenheiro — FERNANDO PERFEITO DE MAGALHÃES



Pátio típico no Pavilhão do Azulejo

Aproxima-se a data da abertura da Exposição de Sevilha. Os seus adiamentos não devem repetir-se. No próximo mês de Maio será inaugurado oficialmente o maior certame industrial e artístico de que há memória, um certame que, não só por razões económicas e políticas interessa profundamente à península, às Américas Central e do Sul e até, duma maneira indillecta, a toda a latimidade. É a Espanha vizinha e amiga, numa época de reconstituição nacional intensíssima, plétórica de vida, exuberante de actividades produtoras, próspera, rica e respeitada, que abre ao mundo ibérico essa encantadora Sevilha englobando no mesmo abraço os países que falam as velhas e nobres línguas portuguesa e espanhola.

Portugal faz-se representar e se o não fez com a magnificência das nações ricas, fá-lo, pelo menos com a decência das nações honradas. As

NOTAS À SEVILHA E O QUE NOS PROMETE O GRANDE



Pavilhão do Ministério da Marinha de Espanha

obras do nosso pavilhão foram e são ainda a melhor taboleta que Portugal podia pôr numa nação estrangeira. Elas representam mais ainda que o próprio pavilhão, do que as maravilhas que lá lhe metam. Há no recinto da exposição algumas edificações dum luxo que esmaga, outros duma beleza indiscutível; pois é de frente do nosso pequeno palácio que se detem, na roda do dia, maior soma de gente. É essa gente, espanhola quasi toda, admira o nosso esforço,



O ilustre architecto geral da Exposição de Sevilha, D. Anibal Gonzalez Alvarez Ossorio

dalquívir. Vê uma população de artífices portugueses que tem, a par da sua maravilhosa pericia profissional, um porte inédito entre gente da sua condição, uma conduta exemplar, um fervoroso patriotismo, um brio inextinguível. O pavilhão português está quasi acalado. Batará pronto antes de todos os outros, excepção dos de Espanha. Será o mais barato de todos; será também um dos mais belos. É com orgulho que dizemos isto. Nas páginas que estamos dedicando a um acontecimento da valia deste certame ibérico só reproduziremos o nosso pavilhão depois de integralmente acabado. Entretanto

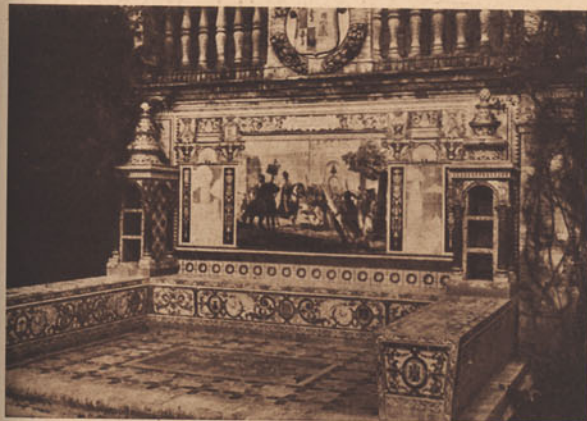


Sevilha iluminada durante a célebre Feria

No Salão da Primavera, no Pôrto, apresentar-se-hão os produtos eléctricos, universalmente afamados, da SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

MARGEM... A EXPOSIÇÃO CERTAMEN IBERO-AMERICANO

(Fotos Zubillaga)



Detalhe de um dos formosos lances da Praça de Espanha

iremos, como hoje, reproduzindo belas fotos de arte, comunicadas pela nossa agência especial de Sevilha, em que perpassam os aspectos mais curiosos dos pavilhões dos outros países, das

modificações que está sofrendo Sevilha, de todos os pormenores, enfim, do maior espectáculo deste século que se prepara junto ao Guadalquivir, em plena Andalúzia de lenda, terra de cra-



Gradaria em ferro forjado do pavilhão da Argentina

vos, de luz e de alegria. E no fim, repassando de novo os olhos pelas páginas da nossa revista, num inventário de beleza, os leitores poderão comparar, recordar, talvez, um espectáculo que se não repetirá e tirar de tudo isto um mais alto e justificado orgulho de terem nascido neste cantinho ignorado do mundo mas que tão bem sabe sempre afirmar as qualidades impercíveis da raça.



Vista geral do pavilhão da Argentina, sem contestação um dos mais formosos do certame Ibero-Americano

No Salão da Primavera, no Pôrto, exporá "Artigos de alta novidade e fantasia" a grande fábrica de malhas de DOMINGOS FERNANDES & C. - Rua dos Wanzeleros - Pôrto

MANHENTE fica a dois passos de Barcelos. Uma estrada muito lisa e branca, fita de nastro cortando, a meio, o verde tapete, bordado de flores do jardim minhoto, liga-a à cidade como um cordão umbilical liga o filho à mãe. É a estrada, naquele domingo, vivia intensamente movimento, ruído e alegria. Ocultassem as árvores por detrás de rompimentos com alto casario scenografado; fregolissem os trajos daquela gente — e os boulevards parisienses não se orgulhariam de mais vida, de mais ruído, de mais movimento — à mesma hora daquele domingo... Automóveis buzina, impacientes, para que o meu se afaste e os deixe passar, para se juntarem aos que já vão à nossa frente, com pressa de chegar primeiro...

É dia da procissão do Senhor dos Passos de Manhente. Os «Passos» das aldeias minhotas são, foram sempre, aguardados com impaciência. Mas o de Manhente afigura-se à ingênua guloseima destas almas ingênuas e puras como o mais sumptuoso e impressionante espectáculo sagrado da terra de Cristo... Nem em Roma se faz melhor! — afirmam. E neste entusiasmo de espectadores entusiasmados palpita também a vaidade imaculada de se julgarem em privilégio de Deus, entre tólas as massas de fiéis...

Chegámos. A procissão não safu ainda. No largo — sob um alpendre de telha reverberante, um Cristo minúsculo, de primitiva arte, abre os braços magros da Piedade e do Amor, sobre uma alta cruz de pedra. Grinaldas feitas de rosas de papel, verdes, vermelhas e brancas, ondiciam em redor; e nos ângulos, suspensas em ganchos de arame, brilham tijelminhas minhotas, cheias de azeite de Nosso Senhor...

Bichas de gente desembocam de todos os lados. As estradas que do largo irradiam dão, por vezes, a impressão de gargantas abertas sobre um tanque — gargulas que golfassem, sem pausa, torrentes de «Maneis» e de «Marias». E, intrigado, miro e remiro em redor, como se temesse a cheia; e como se o largo se fôsse a transbordar e me acabasse o perigo de morrer afogado, de pé, entre a multidão.

REPORTAGENS AO... A PROCISSÃO DO SENHOR VISÕES DUMA FESTA MI



A Igreja de Manhente. À direita: O castelo histórico — livro de pedra com muitos capulhos heróicos

Milagre deve haver, no segredo do fenómeno... A gente desagua sempre para o largo, e o largo que já estava quasi cheio quando eu me apiei, não acabava nunca de se encher... Que misterioso ralo sorve aquela gente e administra assim o espaço limitado do tanque?

Circunvaga a vista... As estradas e os ca-

minhos que formam estrêla só despejam romeiros; os que já estão, estão — não tornam a safr... Mas... oh! Descubro agora os alcapões — alcapões que em vez de esburacarem o solo rasgam os muros, em rectângulos, com hombreas pintadas de verde e com ramos de folhas secas empulmando-os, no cimo. Aproximo-me... Espírito para-dentro. Rapazolas endomingadas; colarinhos sem gravatas, mas numa pinocheira simpática e simples; rostos morenos, escanhoados, e olhos optimistas — dum optimismo que se dilata e se ilumina gradualmente, cada vez mais... O taberneiro, de mangas arregaçadas e braços peludos, artista emérito na *jongleria* das canecas e dos copos que deslizam, velozes, sobre o oleado do balcão, comparticipa da alegria, fazendo os preços e os trocos, e saudando os que chegam e informando os que já estão sobre os episódios mais salientes da politica e do mundanismo, e das intrigas amorosas da aldeia. «Fulana já não fala com Beltrano...» — «O sr. Abade ante-ontem...» — «Do verde?» — «...até disse que...» — «Mil e duzentos!» — «...que a Joaminha...» — «Oh! rapaz, mais canecas...»

Tilintam os copos, uns contra os outros, musicando as gargalhadas e o bulleio das palestras. O vinho corre, corre sempre, das pipas para os jarros, dos jarros para os copos, e dos copos para as gargantas. O oleado está cheio de efrenlos de vinho. As mãos, os lábios, as paredes, tudo parece tinto de vinho. Aos olhos colou-se um vidro azul-violeta,



Procissão de Manhente: O andar da Virgem

No Salão da Primavera, no Pôrto, far-se-hão ouvir as últimas criações de «His Master's Voice», a marca de gramofones e discos de maior fama

...DESCONHECIDO... DOS PASSOS DE MANHENTE NHOTA PELO REPORTER X



Três anjinhos e um papá que está com a mesma cara do Walter quando dizia: — «Ei, meu filho!»

através do qual tudo — os rostos, as paredes, as pipas e o sol que entra, teem a cor do vinho... O ar está impregnado no perfume morno e excitante do vinho. E mesmo quem não bebe sente sede ao ver aquelas bocas ingerirem, saboreadamente, o vinho; ao ver as gargantas dilatarem-se; ao ouvir o estalido das línguas, mal os copos se esvaziam; ao reparar na luz que acentua naquelas pápi-las... Dir-se-hia que os próprios abstemios compartilham das delicias do paladar; do refresco voluptuoso das guelras; da irrigação até ao cérebro da alegria generosa e leve do vinho...

Não há excessos... Há a satisfação pagá dum domingo, dum domingo muito maior, com mais festas, mais danças, mais músicas, mais espectáculo, mais amores — do que os outros domingos. E o domingo é para aquelas almas puras e pouco exigentes a hostia sagrada do Tempo, feita pelo próprio Deus na Sacristia do Calendário e benzida pelos dedos de outro e fogo do Sol...

O Minho recorda Valência pela exuberância, ardor e variedade dos seus coloridos. Como Valência, o Minho é uma paleta de pintor inverosímil. Escorrem tintas da luz do dia sobre a paisagem, sobre os rostos e sobre o Carnaval garrido dos trajos; tintas de tólas as cores, um arco-íris enorme ainda na

saias campanudas e vistosas, como jardins, e afastadas do corpo por muitas outras saias de baixo, dificilmente se poderá adivinhar através de tanta opacidade, o caminho e a sinuosidade que formam as linhas ascendentes que nascem naquele princípio de meias alvíssimas e daquelas chinelinhas de verniz... Mas esterlicam a cintura; e sob a blusa, de coloridos berrantes, e sob a montra de ourives das cadeias berrantes e dos corações de ouro, incham os seios firmes, vultuosos, carnudos — escravizados em cofres de corpetes ditadurais... Se o relevo sadio do seu peito correspondesse à altura majestosa das densas gregas — helénica seria a sua plástica... Mas vem logo a redimi-las o pescoço de linha elástica e o oval do rosto morno, a tentação rubra dos lábios sensuais, o mariz fino de celta, a cabeleira farta e negra a irromper, em caracóis, por sob o lenço — e as arrecadas a tremerem — e os olhos, tão trabalhados pelos joalheiros do Criador — como o outro do peito e das orelhas o foram pelos ourives da cidade...

...Os pares ainda não se formaram... Os Romeus da aldeia espertam as moçoilas, da porta da taberna, limpando a boca no lenço lavado de domingo, e fitam-nas; e preparam, hesitantes, os saltos — tímidos leões do amor mais assustados do que cordeirinhos que sirandam por ali, esperando, emocionados e contentes, que venham as feras e que lhes levarem os corações generosos e tão sedentos de derrigo como as gargantas deles o estavam de vinho à farta...

Dois olhares que se cruzaram e logo, do grupo deles e do grupo delas, estalejam risadas que são provocações e disfresces de pudor... E os grupos, como bolas de mercúrio, atremem-se, unem-se; para logo, numa misteriosa reacção químico-humana os subdividir em grupinhos de dois que se afastam, uns dos outros, de mãos dadas, olhares no chão, sorrisos nos lábios e corpos hambolentes...

Businam mais automóveis... Gente da cidade que vem, com superior condescendência, assistir ao espectáculo do povo da aldeia... Cestos de merenda com gargalas a espertarem... Biciclistas-caixeiros que tilin-



A procissão de Manhente — O andar do Senhor dos Passos

No Salão da Primavera, no Pôrto, será expositora a grande casa de semfilmos RADIO-PORTO, uma das mais importantes da península

tam a campanha da bicicleta com a importância de *chauffeurs* que guiassem um *Rolls-Royce*; e tudo para que as chapopas se deixem tentar pela sua superioridade de quem já não anda a pé, de quem já está no mesmo ritmo com a civilização das cidades...

Em volta, um estendal de mesas de doces sob toalhas muito lavadas e arrendadas que

para impedir o vôo daqueles corpitos de ave. Promessas... Crianças descalças e vestidas de veludo... Vem o andor... Cristo ajoelhado, sob a cruz, fita, com o olhar imóvel e imortal, a multidão alegre que grayemente margina a estrada. Sob o andor, mulheres descalças, virgens de escultura suave, sob a brancura das vestes e rostos velados — recor-

contemplando o encontro entre a Mater-Dolorosa e o Filho do Seu ventre puríssimo... Observam-nos, e com que angústia... Dir-se-lia que, por um instante, teem a ilusão de que as imagens de madeira colorida se humanisam; de que dentro delas começassem, por milagre, a palpitem os corações; que aqueles iris de porcelana vertem lágrimas amargas de humana angústia... E falam, e comentam o encontro — como se fôsem discípulos de Cristo e como se vivessem há dois mil anos, e que, do caminho do Calvario, assistissem à Tragédia-Viva de que as imagens são símbolos insensíveis...

— Pobre Mãe... Coitadinha da Virgem... Ver assim o Filho, tão martirizado, sob o péso da cruz e com a corôa de espinhos a fazer-lhe tanto sangue... O que Ela deve sofrer, Deus meu...

Quanto dura esta piedosa alcunação? Não sei... Mas contagiosa foi... Eu também cheguei a ver o rosto belo, sereno e juden da Virgem Mãe crispar-se numa amargura silenciosa, enquanto Jesus erguia os olhos para Ela e lhe suplicava resignação igual à sua...

Pronto... Os andores cruzam-se e afastam-se... As procissões diluem-se no horizonte... Novas correntes, mais apressadas, desaguan no largo... Ouvem-se mais guinchos, mais apitos, mais risadas... As pipas esvaziam-se... Tilintam os copos... Os pares, de mãos dadas, procuram, sem se olharem, os recantos onde a noite nascente vai pôr biombos de sombra... Cristo disse: «Crescei e multiplicai-vos»...

Palpita no ar alegria, felicidade, esperança, sonho de uma noite de casamento com arroz doce e uns lençóis de linho arrendados e braços floridos com futuros anjinhos para a procissão...

Ceia-se ao ar livre... Canta um beijo na noite... E pela estrada fora, grupos bulhçosos cantarolam, e parecem, no desequilíbrio do seu passo e na expressão ensonada do seu rosto, fugitivos de uma tela antiga de mestre Malhóa...

(Fotos de Alvaro Martins).



Uma amostra de derriço...
— Se tu quizesse Maria...
Está enludo, «Manela!»...
E não deram pelo Kodack de Alvaro Martins.

aguçam a guloseima das moscas... Vendas de bonecos de barro, obras primas da escultura de artistas de instinto, moldagens ingénuas mas de visão sincera e tôdas banhadas pelo arco-iris vivo, berrante que o sol e a paisagem oferecem aos coloristas da aldeia...

Guinchos... Apitos... Risadas... Buzinas de automóveis... Campanhas de bicicletas... Bru-há-há... Orquestra da Felicidade da gente simples da aldeia...

dando, sacrilegamente, esposas muçulmanas... E atraz a fanfarra; tan-tantantan-tantantan... tan tantantan...

A procissão divide-se em duas procissões... A segunda leva a Virgem Mãe... Juntam-se as duas no largo. Os dois andores enfrentam-se... E pela primeira vez aqueles olhos sevados de luz e de alegria, e que, só por respeito ou por temor, serenavam durante o desfile, brilham numa comovida ansiedade,

«...Tira o chapéu, silêncio!
.....Passa a procissão»

A batuta invisível da crença ou do respeito, bateu, sem ser ouvida, mas adivinhada, no púlpito; e a multidão, inocentemente pagã, transformou-se... Deschapelam-se os homens; apagam-se os sorrisos; fecham-se as bocas... Ouve-se já, *au ralanti*, a música da fanfarra, euervante, contagiosa, na monotonia do seu ritmo, que obriga a mecher os pés, num marcar passo lento, mesmo aos que estão parados.

Um estandarte violeta com o rosto de Cristo bordado a ouro... Fileiras indianas de homens de capa azul e tochas acesas ou varas de metal branco. Entre alas, petizes, muitos petizes, numa pitoresca fantasia de anjinhos, com os saiotes de baixo a aparecerem sob o tule do *costumier*; azas de arminho aramado, que parecem rezar nos dorsos frágeis e que, por paradoxo, dão a impressão que são azas



Venda de doces, bonecos de barro... e sorrisos. E não sabiam as gentis minhotas que estavam a ser entrevistadas...

No Salão da Primavera, no Pôrto, exporá ALINANDA o livro "Arte de Bem Comer" uma maravilha num "stand" maravilhoso de pitoresco

CINEMA

O DINHEIRO

MODERNIZAÇÃO DA OBRA DE EMILE ZOLA

REALIZAÇÃO DE MARCEL L'HERBIER



MARIE GLORY
(Lina Hamelin)

Nicolas Sacard, arrojado especulador, dirige o Banco Universal cujo negócio principal é a «Caledonian Eagle». Súbitamente, os negócios de Bolsa levam Sacard próximo da ruína. Quem manejou o golpe? Foi o grande financeiro Afonso Gunderman, homem frio e temível. Numa entrevista entre os dois homens é o próprio Gunderman



ALCOVER
(O banqueiro Sacard)



BRIGITTE HELM
(A baronesa Sandorf)

mas minas que o aviador, outrora, descobrira naquelas regiões. Além disto Sacard deseja aproveitar a ausência do aviador para lhe seduzir a esposa, Lina Hamelin que em balde rogou ao marido se não arriscasse à travessia. Mas, na sombra, Gunderman trama a ruína definitiva de Sacard. É sua aliada a perversa e formosíssima baronesa Sandorf, que outrora fôra amante de Sacard e que, a instigações de Gunderman ainda finge amizade por ele para o espiar.

Entretando começam a chegar a Paris notícias contraditórias do raid de Hamelin. Uma notícia dão a sua chegada à Guyana e outras dizem que o avião caiu no oceano. Pacard, especulando com estas no-



Na Bolsa, Sacard foi levado à ruína...

quem declara a Sacard que o levará à ruína.

Mas o especulador não quebra. Trava conhecimento com um jovem aviador, Jacques Hamelin, inventor dum novo tipo de aparelho e dum carburador magnífico e funda imediatamente uma sociedade para explorar estes inventos, deixando crêr que Gunderman está dentro da combinação. Faz com que o aviador fique vice-presidente e consegue que este empreenda o raid Paris-Guiana que provará o triunfo do seu invento e trará à sociedade a posse du-

EM BAIXO:
O financeiro Gunderman pondo em prática o seu plano de Bolsa...



No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostos os maravilhosos "Tapêtes de "Beiriz" de Carlos de Miranda e D. Hilda Brandão de Miranda



tecias, faz um jogo terrível de bolsa ganhando muito dinheiro. Por fim sabe-se que Hamelin triunfou e está de posse das minas mas que debilitado pelo esforço e pelo clima tem graves perturbações na vista combatida por um ferimento de guerra.

EM CIMA: — Sacard ouve da boca do próprio Gunderman a declaração de guerra...

EM BAIXO: — Na arena trágica da Bolsa fazem-se e desfazem fortunas num relâmpago



Quer voltar a Paris mas Sacard que pôs um apertado arco a Lina pede-lhe que atraze a partida e joga as últimas cartadas, quasi recorrendo à violência para, durante uma festa, possuir a pobre rapariga. Esta resiste e o especulador põe-lhe um dilema; ou lhe pertencerá ou Hamelin será prêso visto que está fazendo cheques sobre o Banco Universal que, por um ardil vergonhoso de Sacard, estão sem cobertura. Lina Hamelin, desorientada, tenta matar o infame mas a baronesa Sandorf evita-o pois que assim convém ao plano de Gunderman. Então este, sugere a Lina que lance, súbitamente, no mercado, todos os títulos do Banco e da «Caledonian Eagle» que tem em seu poder como participação de seu marido nos negócios de Sacard. Gunderman apoia esta venda lançando também na bolsa o papel que pos-

credores para que Hamelin seja ilibado e só o miserável especulador entra na prisão, condenado. Mas não desanima; conta recuperar a liberdade e voltar à tentação terrível dos negócios... à luta pelo dinheiro!!!

Foi o grande realizador francês Marcel L'Herbier, um nome

sui e dá-se a falência. Sacard é prêso. Hamelin, ao desembarcar é também prêso e a comição, agravando o seu mal, cega-o. Mas Gunderman compra o passivo de Sacard, paga aos

da vanguarda, o autor inesquecível de «Vertige» e «L'inhumaine», que se incumbiu da realização deste novo aspecto da obra imorredoura de Zola. A obra prima do grande naturalista francês forneceu um magnífico argumento cheio de intensidade, de veemência e de interesse. O talento de L'Herbier foi admiravelmente secundado pelo talento dos interpretes, fêz maravilhas de encenação, de estilização, de técnica moderna. Alcover tem, neste filme, uma criação grandiosa.



NO MEDALHÃO. — Lina Hamelin pede, dolorosamente, ao marido que não tentasse o seu raiz transatlântico

EM BAIXO: — A baronesa Sandorf, astuciosa e perversa, erguia a sua diabólica beleza em frente de Sacard a quem jurara perder...



Produção francesa de «Cine-romans, Films de France»

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostas as porcelanas eléctricas e uso doméstico da ELECTRO-CERÂMICA de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da Península

O EXODO PORTUGUÊS DA COSTA AFRICANA

Corria o ano da Graça de 1769. Havia portanto 278 anos que Boabdil dissera o adeus derradeiro às tórras de Granada e viera curtir nas asperezas da costa rifeña a saúde sem remédio dos jardins da Alhambra e o desgosto pela fraqueza da sua alma feminina.

A Conquista de Ceuta, em 1415, afirmando o domínio português na África muçulmana tinha ajudado maravilhosamente o plano de Fernando, o «Católico», impedindo o socorro da península e dividindo o poder dos árabes.

Sem essa conquista, dilúculo glorioso da mais fantástica epopéa, talvez, por muito tempo ainda, os califas pudessem dormir confiados à sombra dos laranjais da Ibéria.

Metafisicamente, fôra o braço do Mestre de Aviz quem expulsou os árabes do agro dos Reis Católicos.

Contudo, nesse ano de 1769 o critério português sobre o Al-gharb de Além era muito

oposto aquele que tinha guiado os passos e armado as caravelas do Rei da Boa Memória.

O sonho da Índia e depois a tentação do continente americano tinham desviado os nossos olhos dessas conquistas de no pé da porta, conquistas nunca terminadas, enteadas turbulentas e rebeldes que não reconheciam a madrastra e que em troca de fracas glórias de valentia nos vinham há muito ensanguentando a pátria, desimando cabedais e obrigando as hostes escassas a êsse constante «alerta» que dura ainda e tem sido o pesadêlo eterno e o eterno matadouro de espanhois e marroquinos.

Lá longe, em terras dos Brasis, o oiro tentava como prêsa fácil e os que voltavam, contentes da vida salva, vinham dizer as maravilhas dêsse novo continente.

Vivia portanto em todos os espíritos a idéa de abandonar o litoral africano; o go-



vêrno da metropole abundava nos mesmos propósitos e fôra resolvido o exôdo.

Desde 1510 que muralhas portuguesas cingiam Mazagão, uma das praças condenadas, e basto sangue lhes tinha cimentado os alicerces. Portugal e portugueses cançavam-se de defender muralhas estereis e foi resolvido abandonar a praça.

Para as terras de Santa Cruz se tinham volvido irrevogavelmente os olhos do govêrno e dos habitante de Mazagão.

A visão do Eldorado longínquo, dessa terra forte e perdulária que salpicava de palhetas de oiro e de diamantes as arcias dos seus rios tentava os pobres colonos do litoral africano, tão cançados de pelejas e de faimas inglórias.

O esforço português tinha levantado muralhas, asstado batarias, erguido templos e cavado masmorras dentro do burgo acastelado. Os seus primeiros ocupadores tinham pensado acrescer a pátria com êsse Al-Gharb de Além sonhado desde o início da conquista.

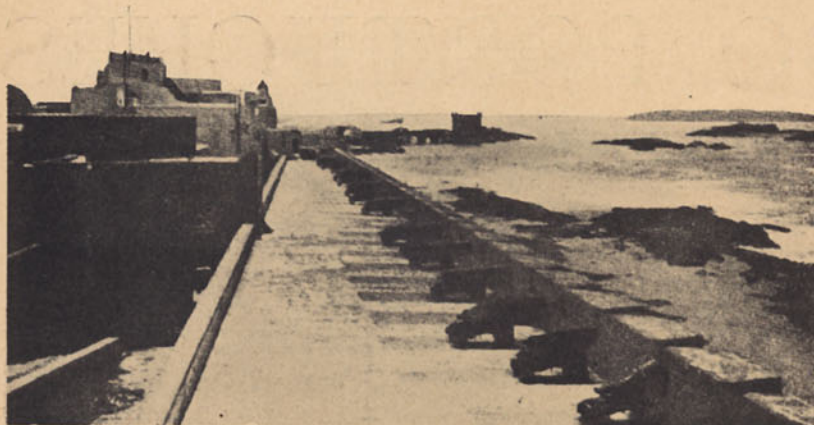
A experiência tinha, porém, mostrado improffena a tentativa.

O desastre de Alcácer Quibir abatera o prestígio dos conquistadores e o desgosto e o desânimo haviam arredado de todos os espí-



Prisão construída pelos portugueses em Casablanca

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostas as maravilhas mecânicas e acústicas que são os super-gramofones POLYDOR, de fabrico alemão, da Galeria de Novidades — Pôrto



Mazagão — Bateria de artilharia portuguesa

muros sem um adeus solene que fôsse uma despedida e uma promessa.

Chegada a manhã da partida os templos abriram-se, vestiram galas os altares, foram celebrados os officios e, terminados estes, foi organizada a procissão do adeus que deveria percorrer até as ínfimas vielas do burgo acastelado.

Passou a procissão. Com os romeiros vieram vindo as imagens, as relíquias, as alfaias e os registos paroquiais. Nada esqueceu que pertencesse à vida espiritual da cidade porque tudo isso iria ressurgir em breve, lá longe, na terra do Pará quando se fundasse a nova colónia...

Desceu a procissão até à práia. Tudo o que era Vida Nova vinha com êles. Os bateis encostaram às náus; fêz-se o embarque, desfraldaram as velas e... a caminho! O sonho do ouro distante temperara nas almas dos emigrantes a saúde natural de tôdas as partidas e não resa a história que os olhos portugueses chorassem vindo sumir-se no horizonte a facha cinzenta da costa do Rif.



Cisterna de construção portuguesa em Mazagão

Com vário risco do mar e do tempo chegou a armada a bom porto. Os navios da frota deram fundo em águas brasileiras, protegen Deus os colonos e para testemunho e prova de bom êxito da empresa lá existe ainda nas terras do Grão Pará a cidadezinha de Mazagão fundada por aqueles que da África partiram e aos Brasis aportaram no ano do Senhor de 1769.

C. DE M.

ritos o interêsse que deveria merecer aquela faixa estensíssima de terra dominando o estreito e alongando-se entre dois mares a dois passos da metrópole.

Distraída, portanto, da costa africana a atenção de govêrno e governados, todos convinhavam em abandonar a terra de sacrificio e trocar as agruras do cativoiro forçado pelo trabalho calmo e remunerador na terra virgem que de longe tentava os portugueses como um vasto e novo campo, aberto a tôdas as energias e rico, imensamente rico de naturais riquezas, para poder repartir generosamente por todos os seus dons quasi gra-tuitos.

Por isso a idéa do exodo rápida e fácilmente tinha germinado e hora a hora se vinha traduzindo em preparativos.

De Portugal largara a frota que devia conduzir ao Brasil os habitantes de Mazagão.

Todos os dias olhos curiosos espiavam a linha do horizonte perguntando os vultos escuros das náus do reino.

Em todos os lares ia uma faina buliçosa de arrumar tudo que devesse, lá longe, constituir o pequeno património de cada um.

Os preparativos de embarque empregavam todos os braços; em todos os cérebros morava o cuidado de não esquecer o que pudesse fazer falta e em todos os corações se afirmava o desapêgo pelo inútil que ficava.

A Esperança, grande enfermeira de penas, não consentia saúdaes nem tristezas. O desejo da partida abolira os preconceitos doen-

tios da memória e nas arcas, nos fardos, nos baus iam todos dispondo o recheio das casas e as ferramentas dos officios. A própria falta dos objectos necessários que se iam guardando aligeirava os espíritos e tornava mais desejada ainda a hora do embarque.

O tempo corria célere. As náus do Tejo já tinham chegado à vista da Praça. Os últimos liames tinham cingido os últimos fardos e dera-se comêgo ao carrêgo de todo êsse imenso despojo para junto do lugar do embarque.

Todos os braços eram poucos mas o afan de largar o cativoiro a todos êles emprestava uma fôrça nova e um vigor sem cançassos.

Naqueles dias que antecederam a partida a velha praça era apenas uma idéa triste na memória daquelas gentes que já viviam, rial e perfeitamente, em suas almas a fartura alegre da terra prometida.

Num vai-vem de formigueiro, homens, mulheres e crianças desciam a costa e voltavam a subir às casas. Desciam carregados, subiam ligeiros e alegres, e o montão de bagagens ia avolumando sempre.

Na práia acumularam-se bagagens, vararam-se os batelões de carga, a frota conserveu-se bordejando ao largo e no burgo cresceu a faina da partida. Os habitantes de Mazagão, na África, iam deixar para sempre a plaga marroquina.

Como gente agradecida, a Deus e ao velho burgo, não queriam porém deixar aqueles

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão representados os VINHOS BORGES, porque os "vinhos Borges são vinhos"

LIVROS E ESCRITORES

BAZAR — Contos de SAMUEL ROS — Espasa-Calpe (Madrid) — 4 pesetas.

«A Jostué, primeiro gesto de rebeldia contra a inutilidade do sol... eis a original dedicatória d'este bizarro volume. Nunca uma adjectivação foi tão justa como esta; *bizarria* é a qualidade dominante d'este Bazar polieromo e rutilante que coloca Samuel Ros muito acima da mediania entre os valores literários da sua geração. Passo por alto sobre a apresentação rebuscada do volume, impresso em duas metades que se enfrentam a meio, invertidas, dando ao livro dois rostos, dois princípios, uma forma parecida com a *capicua* que os maniacos colecionam. Não queríamos ver Bazar comprado por colecionadores de capicuas e por isso incriminamos Samuel Ros de ter vestido o seu bizarro livro com uma capa que não é bizarra mas sim *mostrenga*. Felizmente que o livro é de abrir e ler... abrir por dois lados e ler por todos os lados. Pequenos contos, pequenas impressões, talhadas de sensação, fragmentos de emoções novas, tudo se amontoa numa ritmada desordem neste encantador Bazar.

Para mim, Samuel Ros, neste livro, se bem que enfadado um nadinha à *gregueria*, passa depressa e facilmente sobre o senhor Gomez de La Serna. A originalidade, aqui, está, propriamente, no prisma porque Samuel Ros analisa os factos mais simples, não está, como no escritor do Pombo, na especulação cerebral sobre assuntos já de si inexistentes, deformados, monstruosos. E acresce ainda que, ao passo que Ramon encobre com o brilho falso das suas excentricidades de *music-hall* a falência completa de qualidades de estilista, Samuel Ros escreve com limpidez e elegância, quasi neo-clássico na escrita embora nela envolva os conceitos mais raros e bizarros. Ramon esconde a pobreza de léxico sob a capa assás diáfana dos neologismos e da desarticulação sintaxica, ao passo que Samuel Ros, com um léxico igualmente limitado consegue d'ele, com elegância, uma fluidez suficiente para constituir fundo neutro das suas originalíssimas concepções. Resta a Samuel Ros alcançar Ramon na fantasia transbordante do conferencista da *Gaceta Literária* para lhe passar acima, em muito, em todas as outras qualidades de artista. As suas pequenas composições *El buzo*, *El conspirador* e *El coleccionista de lágrimas* são notas de uma justeza admirá-

vel; *La chita de la funerária* e *El verdugo*, estão muito além de todos os outros artigos do Bazar pela sua emotividade, pela arte com que estão escritas, pela forma original e pela bizarria que aqui aparece em todo o seu esplendor.

J. F.

ETNOGRAFIA DA BEIRA — por JAIME LOPES DIAS — Livraria Ferin (Lisboa).

Os estudos etnográficos nunca disfructaram entre nós a aura de favor que amplamente mereciam. O povo português, cuja psicologia muito especial gerou um acervo de costumes e tradições curiosíssimas merecia no entanto que o estudassem a fundo arquivando-se nos vários géneros de literatura e em obras especiais o riquíssimo cabedal que os séculos da nacionalidade até nós transmitiram em monumentos de toda a ordem e na própria tradição. Raros porém a isso se têm dedicado e esses raros mesmo só consigo podermos contar, desajudados de tudo e contando mesmo com uma certa hostilidade irónica por parte de quasi todos os estudiosos... Por isso é com simpatia que vemos este livrinho do dr. Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, (3.º volume) e na qual os costumes, usanças, tradições, provérbios, resas, etc., tudo é cuidadosamente recolhido de maneira a habilitar os etnógrafos a formar uma idéa da psicologia do povo que se acolta entre a Serra da Guardunha e a raia espanhola. No seu género é precioso e bem haja o sr. Jaime Lopes Dias pela publicação que d'ele acaba de fazer.

X. X.



José Maria del Busto

UNA AVENTURA EN EL GRAN MUNDO — DOS MUJERES Y UN LADRON. — Novelas por JOSÉ MARIA DEL BUSTO. — Espasa-Calpe (Madrid).

O autor d'estes dois formosos livros enfileira à parte de todos os outros escritores espanhóis da sua geração. Com nenhum d'elles se assemelha. A sua característica literária é a dramatização sólida e coerente dos seus argumentos. As suas novelas tocam mais o género literário de imaginação do que o moderno romance psicológico. José Maria del Busto não se perde em divagações freudianas nem nos metapsiquismos em voga. Traça o seu quadro a golpes largos de pincel mas com a necessária justeza de tons e depois segue ardentemente um caminho tumultuoso de detalhes e de peripécias, numa coerente tirada até final. Asturiano, ao que parece, localizando muitas scenas dos seus romances na linda provincia, o seu instinto cosmopolita logo o obriga a precipitar as suas figuras no vórtice da vida mundana, que descreve com poder e estilo, conduzindo-as, num crescendo de interesse, até às últimas páginas da novela. O seu cântico de regresso à natureza em *Aventura en el gran mundo* mostra bem a sua sensibilidade artística e literária e a pleritude da sua mentalidade.

Um crítico comparou os seus tipos asturianos às possantes realizações de Leopoldo Alas (Clarín) e não andou longe da verdade, mas é justo também irmanar a extensa galeria de fanteoches da cidade que nos apresenta a algumas criações do marquês de Hoyos, embora sem o satanismo d'este famoso novelista. E sem embargo de serem legítimas comparações tão díspares, as novelas de José Maria del Busto apresentam, dentro da sua forte trama e sólida contextura, um equilíbrio absolutamente invulgar e excepcional, até na produção literária do género.

J. F.

nas mãos: *Este livro tem coisas boas e coisas novas: as novas não são boas e as boas não são novas...*

Talvez o tempo acabe por fazer do sr. Paulo de Brito Aranha aquilo que é um amador... Mas, não tenha pressa, não tenha pressa...

X. X.



Samuel Ros



Paulo de Brito Aranha

AMANTES... — por PAULO DE BRITO ARANHA. — Um romance por mês. (Lisboa).

O sr. Paulo de Brito Aranha é um moço jornalista com muitas qualidades, muita audácia e... muita pressa. O seu espírito seduz-se com a glória do momento, fugidia, e inconsistente, já mais com a que se estriba num aturado estudo. Só assim se pode explicar o livro que, sob o título *Amantes*, acaba de lançar no mercado e o qual é a confirmação plena da pressa que o autor tem de chegar, de fazer com que dêem por êle... Nem seria preciso que o sr. Paulo de Brito Aranha nos dissesse no fim do livro o tempo que este levou a escrever: o exame, por menos atento que seja mostra logo a falta de preparação, o exíguo cuidado que lhe mereceram o estudo dos caracteres e a apresentação do conflito. Escrito todo em cartas — o género de maior dificuldade entre todos os géneros literários! — e versando um tema por demais imoral e repisado, *Amantes* poderá ser considerado apenas como um delicto da mocidade. As boas qualidades que o sr. Brito Aranha possui não alcançam realçar neste livro: a pressa afogou tudo, a audácia não deixou o autor olhar a vida, estudá-la, concentrar os elementos que seria necessário collier e, com isso dar uma obra com nervos e sangue, senão com novidade — porque nada há de novo! — pelo menos com carácter. D'este romance se poderá dizer o que um crítico francês dizia de certo livro que lhe caíu

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão os CHAMPAGNES PIPER-HEIDSIECK — (Reims), os GRANDES LICORES ROCHER FRÈRES e COGNAC REMY MARTIN & C., representados por João Alves de Matos — Rua dos Fanqueiros, 277 — Lisboa



Andrés y Morera

LA ANTORCHA RUSA — por ANDRÉS Y MORERA. — Imprenta La Raza (Madrid).

É a revolução russa um mero fenómeno passageiro, uma simples borbullagem na face politica do globo, ou está essa revolução destinada a deixar sulcos profundos na futura organização do Estado? Por outros termos: vai o mundo inteiro ter de adoptar o figurino moscovita, ou, limadas as arestas e corrigidos pela experiência os exageros inevitáveis, irá o regime actualmente dominador nas antigas terras do Czar, servir de padrão para as necessárias mudanças a fazer nas instituições dos outros países? Quais as determinantes gerais da revolução e quais as características da politica enropeia depois da guerra? Eis o que o moço escritor espanhol Andrés y Morera estuda no seu livro *La antorcha rusa* e valha a verdade dizer que o faz com um conhecimento de causa bastante apreciável e uma notável isenção. Andrés y Morera não é um vulgar entusiasta de novidades, um destes escritores que se deixam iludir por entusiasmos ou levar por más vontades: é um espirito crítico e arguto, sabedor e ponderado. O seu livro, mesmo quando não consiga os aplausos de muita gente, nem por isso poderá deixar de ser considerado como digno de ponderada atenção. Aqueles que se dediquem ao estudo do fenómeno russo, lucrarão por certo com a leitura do livro em referência. Está nisso o seu maior elogio. X. X.

CARTAS INÉDITAS DE FRADIQUE MENDES E MAIS PAGINAS ESQUECIDAS — por EÇA DE QUEIRÓS. — Lelo & Irmão (Pôrto).

Parêcem inexgotáveis os papéis que o grande Eça de Queirós deixou por publicar. A espaços, a curtos espaços mesmo, sai a público mais um volume espantoso de brilho e de novidade. Parece que, por um milagre, o maravilhoso artista, depois que o seu corpo esguio se perdeu na noite dos tempos, conserva o seu fino espirito de escritor perenemente vivo e vai escrevendo, escrevendo, das mais belas páginas da literatura moderna. As cartas de Fradique Mendes agora publicadas são dignas das que viram a luz na primeira série; e o mesmo espirito elegantíssimo, duma mordacidade tão delicada, a mesma graça incomparável, a mesma elevação mental. Alguns trechos agora publicados são, positivamente, do melhor que Eça escreveu. É o último volume póstumo prefaciado pelo indito filho do escritor, esse belo artista que foi José Maria Eça de Queirós. E que belo prefácio!... Duma fluidez e duma transparência que se iguala, por vezes, à divina harmonia da prosa do genial artista de *A Cidade e as Serras*.

J. F.

LUX — Versos de FALCÃO DE CAMPOS. — Renascença Portuguesa (Pôrto).

O autor destes versos não é um estreante. Lebramo-nos do seu penúltimo livro *Arco Iris-Arco da Velha* onde, sem favor, se descortinavam belas qualidades embora abafadas por muitos defeitos. Esperavamos deste livro a convicção de que Falcão de Campos marchava em frente, na senda da perfeição. Julgamos porém, com mágoa ou dizemos, que nenhuma vantagem leva este novo livro ao anterior. Talvez que o atabalhoado da destruição não permitisse ao autor separar convenientemente o trigo do joio e



Falcão de Campos

daí talvez que até alguns elogios menos bem medidos lhe fizessem seu mal. Têm destes inconvenientes, por vezes, os amigos muito amigos... E no entanto neste voluminho que o autor dedica às crianças e aos humildes, há bastantes coisas com interesse e certa beleza e entre as mais fracas nenhuma se pode dizer desprezível. O autor enferma um pouco de excesso de verbalismo que se denuncia logo no preâmbulo. É um excessivo; inunda-nos de palavras rimbombantes que abafam a inspiração, fatalmente. Por isso o poeta agrada mais nos motivos mais simples ou que ele tratou com mais simplicidade. Também lhe é aconselhável fugir às poesias longas em demasia. Falcão de Campos inicia, em geral, o seu trabalho por alguns versos apreciáveis; depois parece perder a segurança, afrouxa a forma e, às vezes, quasi se perde tudo...

J. F.



Angel Dotor

DON QUIJOTE Y EL CID — por ANGEL DOTOR — Espasa-Calpe (Madrid). 5 pesetas.

Este roteiro dos caminhos de sonho, de bravura e galhardia que seguiram os dois grandes representantes da alma espanhola — Ruy Diaz de Bivar, o lendário *Cid Campeador*, e Alonso Quijano, o cavalheiresco *Don Quijote* — este roteiro magnifico servirá de consólo a quantos se desgostem com os malabarismos de certos escritores, falhos de saber e de bom gosto... Palavra que dá vontade de percorrer, pelo braço do sr. Angel Dotor os caminhos de Castela por onde relampejava a espada de Ruy Diaz ou circunlava o sonho impossível do Grande Louco...

Diante dos nossos olhos e como elucidação necessária à leitura de duas grandes obras da humanidade, perpassam as paisagens, a história, a tradição, os ensinamentos a tirar do *Romancero* ou do *D. Quixote*. Mas engana-se quem das nossas palavras depreender que a formosa obra de Angel Dotor y Municio é uma espécie de novo guia Baedeker para uso de simplices e frívolos excursionistas, desembarcados de qualquer *Leviathan* ou despejados nas estações de Espanha por negros e incaracterísticos combóios. O livro em referência é uma ressurreição, uma obra de arte, um comovido embora erudito comentário, um panorama do ambiente aonde se agitaram duas grandes almas de Espanha... Não tem nada que ver com a pasmaceira de fulvos e ignorantes forasteiros: é uma obra para ser lida enternecidamente por quantos desejem empreender em espirito a viagem através do *Romancero* e do *D. Quixote*...

O PANTEÃO DOS LEMOS — por AARÃO DE LACERDA. — Edição do autor. (Pôrto).

O sr. dr. Aarão de Lacerda é um finíssimo temperamento de artista que se compraz no estudo de quanto entre nós possa reflectir o bom gosto e a beleza. Desde a *Estética da arte popular*, preciosa brochura aonde o dr. Aarão de Lacerda estudou as manifestações artísticas do povo português, até a este *Panteão dos Lemos na Troja do Vouga*, o erudito escritor tem-se empenhado numa obra verdadeiramente benemérita: a de salvar do esquecimento e apontar à admiração de todas as belas coisas que porventura ainda entre nós hajam escapado à preguiza de uns e à indiferença de quasi todos. Este *Panteão dos Lemos*, aonde o sr. dr. Aarão de Lacerda analisa o desenvolvimento da arte decorativa em Portugal durante a Renascença tem direito a figurar em todas as estantes dos críticos de arte. Nele se vêem cuidadosamente pormenorizados motivos ornamentais até aqui ignorados; não é a estética apenas que ali tem interesse: é a tematica decorativa posta em relevo e magnificamente interpretada. Soube o sr. dr. Aarão de Lacerda focar com precisão motivos ornamentais que se poderá classificar de raros, de uma originalidade tamanha que impressionaram Mr. Plattard, o douto professor da Universidade de Poitiers e o qual muito se tem dedicado ao estudo da Renascença francesa.

O *Panteão dos Lemos* é um dos mais belos, mais úteis e beneméritos livros de arte que nos últimos tempos entre nós têm surgido.

X X



Dr. Aarão de Lacerda

No Salão da Primavera, no Pôrto, estará representada a obra de JOÃO ANJOS, o famoso cinzelador, medalhista e esmaltador de Lisboa



a Fauna recente

POR WENCESLAO FERNANDEZ FLOREZ
ILLUSTRAÇÕES DE STVART

(Continuação)

Não o deixaram continuar. Em pé e dando murros nas carteiras, o auditório increpava-o de todos os lados do salão. A sua laringe lutou

em vão contra tantas larinhas indignadas. As suas últimas palavras tiveram um carácter de imprecisão, a julgar pelo gesto que as acompanhou; mas entre a barafunda geral não houve ninguém que as ouvisse.

Mr. Hoppe falou depois. Explicou pormenorizadamente as modificações que, em relação aos tipos já conhecidos, introduzira nos seus

novos carros. Era escutado com profunda atenção. Contou a minuciosa tarefa das rectificações das peças de aço, o escrupuloso cuidado com que se ia formando o motor até chegar ao carro completo, a estreita relação que se creava entre a mais pequena e a mais delicada das partes da máquina até se conseguir àquela síntese que era um automóvel, onde — melhor ainda que num corpo humano — nada sobrava e nada faltava. Claro está que ele não podia aventurar a menor conjectura acerca do estranho fenómeno; mas, se das palavras que na Assembléa se proferiram algumas eram, até certo ponto, acessíveis à razão, estas deviam-se, sem dúvida, ao ilustre Cooper e às probabilidades que ele sugerira. Apesar de não ter sido esse o objectivo perseguido nem de nunca se ter presentido tão maravilhoso resultado, parecia certo que se dotara as má-

quinas dum princípio de vida e que se transformara o motor em qualquer coisa assim como um cérebro primitivo.

Mr. Graams uiçou:

— Não será tudo isto um estratagemma de mr. Hoppe para anunciar a sua marca?

Novo escândalo. Mr. Hoppe, erguido em toda a sua estatura, sorria desdenhosamente. Um estratagemma de publicidade? Mas, não tinha toda a gente visto que os carros arrancavam sem «chauffeurs»? Supondo mesmo que uma habilíssima artéria lhe tivesse permitido manejar de tão estranha maneira os que acabavam de sair das suas oficinas, podia supôr-se acaso que os carros de diferentes marcas que estavam na explanada da Exposição e que também fugiram, a despeito dos respectivos «chauffeurs», eram manejados pela mesma artimanha?... Não. As palavras de Graams eram ridículas. Mr. Hoppe estava absolutamente convencido de que ninguém as poderia perfilar.

E assim era, efectivamente, porque uma salva de palmas animou o insigne fabricante a proseguir nas suas explicações. Mas naquele momento um empregado dirigiu-se a mr. Hoppe.

— Acabam de telefonar de sua casa, «sir» — disse, «Miss» Lizzie ainda não regressou... O seu carro foi visto entre os automóveis fugitivos.

Todos os assembleístas puderam verificar evidentes sinais de inquietação no rosto do grande engenheiro. Não havia nada no mundo que tanto lhe importasse como sua filha, e o receio de algum possível perigo obscurava-o tão dolorosamente que já não soube coordenar as idéas nem pôde atender às palavras que lhe dirigiam. Enquanto o velho Acker expunha uma opinião intrincada acerca do sucedido, Hoppe, levantando-se,

do-se, aproximou-se de Mac Gregor, confiou-lhe a sua angústia e abandonou o local. Antes de que os jornalistas lhe pudessem dar alcance, ocupou o «baquet» dum dos carros antigos que esperavam na rua, e dirigiu-se, veloz, para casa.

III

— Que succede, Harrison?

O pachorrento auxiliar de Hoppe cruzou as mãos gorduchas atrás das costas, ademan que tinha o mesmo valor que o de outra qualquer pessoa muito mais magra e que as cruzasse sobre o peito.

— Quem sabe? — respondeu. Provavelmente nada de importância; mas é quasi certo que Lizzie se viu obrigada a seguir essa infernal comitiva.

— Quere vir comigo?

— Com muito prazer.

E o velho artefacto inclinou-se ao péso do Harrison. Partiu, seguindo o mesmo caminho pelo qual os automóveis tinham fugido aquela mesma tarde. Estava uma noite tibia, e o vento, que fizera ondear durante todo o dia os milhares de galhardetes da «Automovel-House», dormia fatigado. Os feixes de luz do carro feriram profundamente a sombra acumulada sob os copados olmos da estrada, e o pavimento, polido e luzidio pelo atrito frequente das rodas de borracha, brilhou como se exudasse humidade. Aquelas paragens, a toda hora percorridas pelos velozes passageiros, estavam agora solitárias. O estranho fenómeno tinha impressionado tanto que ninguém se sentia com coragem para sair da cidade confiado a um veículo que o pudesse arrastar a uma aventura perigosa. Hoppe, resmungando contra a lentidão da velha caranguejola que conduzia, subiu a rampa, dobrou as três voltas do alto e desceu à planície, por onde a pista se estendia, ampla e incitadora, flanqueada por vários cartazes anunciadores, cujas letras metálicas se incendiavam com a luz do carro como se tivessem luz própria.

— Aonde poderão estar, amigo Hoppe? — inquiriu Harrison.

— Não sei — respondeu Hoppe mal-humorado.

E acrescentou, cinco quilómetros mais adiante:

— Nem me importa. Que os leve o diabo! O que me interessa é encontrar a Lizzie.

Um quarto de hora depois, ao lado da pista, convertido num monte de ferros, acharam um «Peengre» de dois lugares. Um pouco mais longe, uma camioneta, com as quatro rodas para o ar e terríveis amolgaduras nos costados. A extensa pista continuava já livre de obstáculos, até à curva que traçava para atravessar o rio. E ao sair da longa trincheira em que se encaixava foi quando Harrison lançou um grito de surpresa.

— Olhe, olhe!...

Estendia a mão para o alto de Hartz. A imponente montanha, horizontalmente cortada numa extensão de muito quilómetros, erguia-se iminente, oculta na sombra, somada à negrura da noite. E era precisamente sobre ela, no elevado planalto arenoso que a rematava, onde ocorria o singular fenómeno que provocara a exclamação do engenheiro. Numa extensa linha, a planície aparecia iluminada duma luz branca, um



pouco difusa à distância. Como uma erupção magnífica, centenas de cones luminosos, cruzando e tornando-se a cruzar, elevavam-se nas trevas. Jôgo silencioso de espadas archangélicas, ou passeio de fantasmas pela tela escura da noite, ou flechas de luz disparadas contra as estrélas. O espectáculo era extraordinariamente maravilhoso.

— São eles — disse Harrison.

Hoppe, sem responder, forçou a marcha. Ainda meia hora de caminho plano e depois o zigue-zague penoso da estrada para escalar a altura de Hartz. Formas monstruosas de rochas, dum lado e de outro; pinheiros sonolentos; lá em cima, uma fresca brisa, abismos, a rota suspensa sôbre o espaço, como essas atrevidas pontes que, nas lendas fantásticas, lança Satanás duma à outra margem dos rios largos, nas horas que vão desde a meia noite até que o galo anuncia a alvorada.

Já subiam a empinada rampa, que os levava à planície, quando o caminho se destacou vivamente, recortado em luz. A sombra duma mole assomou sem grande pressa e, por fim, destacou-se, lá no alto, a silhueta dum camião. Destacou-se e deteve-se. Ingente, largo, poderoso. O capot, breve, forte e achatado, tinha então uma viva semelhança com o focinho cruel dum javali. Dum lado e de outro, os faróis eram olhos temíveis, como incendiados em ira, que registassem o caminho. A largura das rodas, rugosas e pardas, recordava as patas, também pardas, curtas e rugosas dos paquidermes. Grunhiu com uma surda vibração do seu klaxon, e avançou depois de súbito arranço, costa abaixo, como se se despenhasse por ela.

— Cuidado, Hoppe! — advertiu Harrison, a quem o medo obrigara a erguer-se no assento.

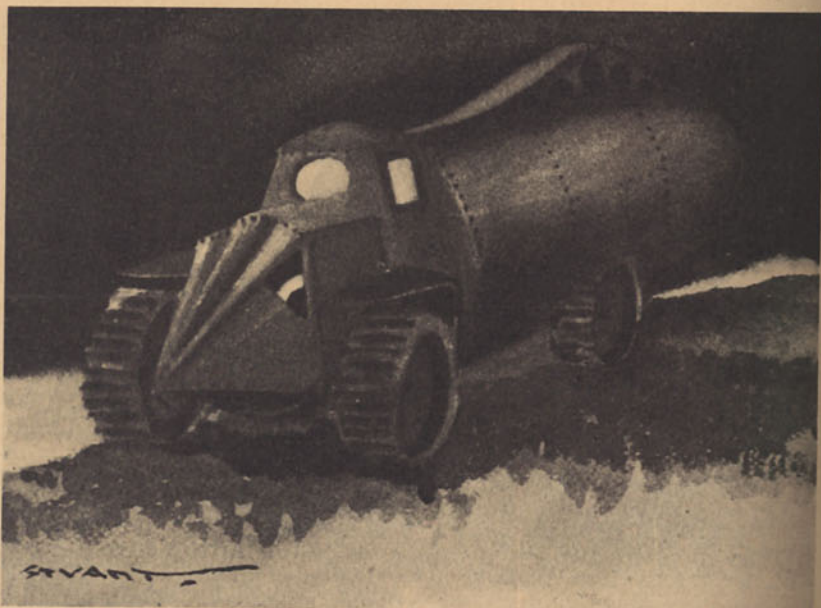
O pai de Lizzie já manobrava com inteligente urgência sôbre a larga pista, procurando deslizar para a esquerda do monstruoso artefacto. O camião, então, deteve-se novamente. A sua luz potente deslumbrava os dois homens; e Harrison, horripilado,

julgava ver leves intermitências, como pestanejos ou como os fulgores que a ira por vezes põe no olhar humano, naqueles focos redondos, grandes, carregados dum matiz amarelo. O corpo do camião tremia todo. E Hoppe e o seu companheiro podiam ver perfeitamente o baquet vazio, e esta ausência da vontade dum homem nos movimentos do carro deixava-os mais impressionados do que o que elles queriam dar a entender. O frio do medo corria-lhes pela medula. De súbito, o industrial girou bruscamente para a direita, e neste preciso momento, o camião precipitou-se — acometeu, seria mais exacto — contra eles. O choque foi inevitável. Atingido à altura do assento trazeiro pelo forte focinho metálico do monstro, o leve carro cambaleou brutalmente, com forte ruído de ferros. Uma roda arrancada pela investida, rodava, osci-

lando, ladeira abaixo, e o carro, fulto de apoio, caiu sôbre aquele lado. Impellido contra o chefe, Harrison tentava levantar-se, esmagado pelo próprio abdomen, e arranhava o ar, procurando onde agarrar-se. O camião, longe de seguir para diante, fêz marcha atrás, parou e fêz novamente grunhir o klaxon.

— Depressa, Jasper! — ordenou Hoppe, empurrando vigorosamente o engenheiro. Depressa! Acomete-nos novamente!

E saltou à pista no momento em que o estranho inimigo se lançava com redobrada fúria. O golpe ressoou intensamente; quebraram-se os vidros do para-brises, e o pequenino carro, atropelado pela mole hostil, deu várias voltas sôbre si mesmo, espalhando coxins e ferramentas, como se lhe esvasiassem as entranhas por uma larga ferida. Harrison, surpreendido com o choque quando só



No Salão da Primavera, no Pôrto, figurará um sensacional "stand" do grande jornal do norte PRIMEIRO DE JANEIRO

tinha um pé na estrada, caiu, rolando perigosamente. Hoppe, correndo para ele, ajudou-o a levantar-se.

— Não foi nada — afirmou o engenheiro, apalpando, no entanto, a cabeça com certa desconfiança — não foi nada. Valha-me Santo Antônio!... Que aventura tão singular! Quem ia imaginar que...

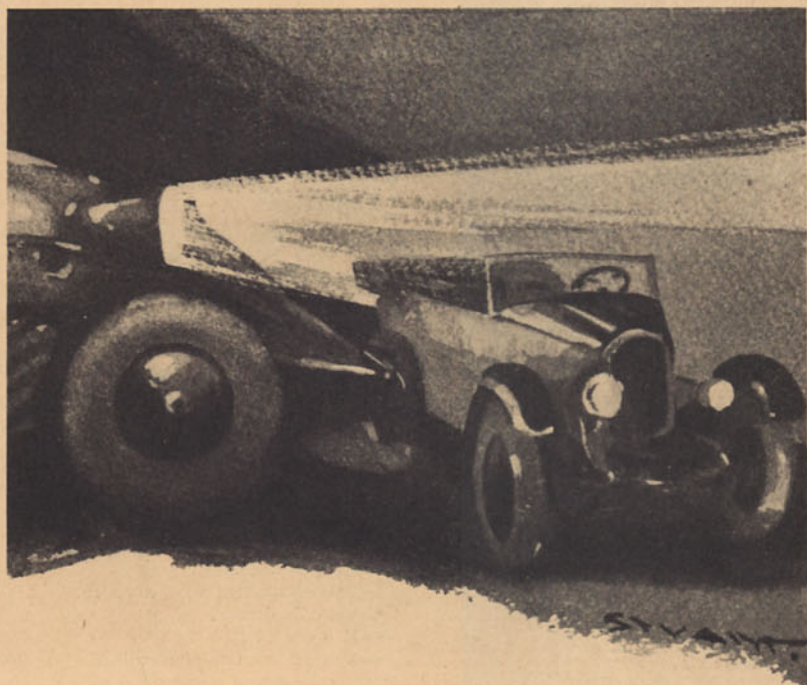
Mas interrompeu-se ao verificar que a fúria do automóvel não se tinha acalmado. Empurrava agora o despedaçado automóvel para a margem da pista e, com um impulso definitivo, lançava-o pela rápida ladeira para o abismo. Um longo gemido, ao resvalar sobre uma rocha, choques estrepitosos... depois o estrondo do choque final, lá em baixo.

— Escondamo-nos — aconselhou o gordo Harrison, quando o camião iniciou o regresso. — Não respondo pelo que nos possa suceder, se nos encontra na pista.

E quasi que arrastou mr. Hoppe para o obrigá-lo a saltar o muro. Depois, ao ficar a estrada novamente solitária, os dois homens continuaram a sua marcha em silêncio até chegarem à planície.

A planície de Hartz nunca teve, como todos sabemos, a menor beleza. Talvez quando formava parte do fundo dos mares crescessem nela algas de aspecto maravilhoso ou o coral fingisse árvores fascinadoras; talvez naqueles remotíssimos tempos corresse sobre a sua superfície a sombra de formosos peixes fúgitivos, entre a suave e verdosa claridade da água, e o nacar tapizasse o fundo, e as medusas passeassem seus trajes de fadas sobre essas flores vivas de grandes pétalas que não passam de ser uma fauna incrível, e os cavalinhos do mar, como pequenas figuras de xadrez, verticais e solenes, fossem e viessem, como farejando tudo com o seu gracioso focinho equino. Mas desde que as terríveis pressões do resfriamento converteram em cume de montanha o que até então fora fundo de mar, a planície a que nos referimos não passou de ser um dos sítios mais ingratos da terra. No seu solo arenoso cresciam apenas plantas raquíticas, que os rebanhos desdenhavam. Um vento frio varria com frequência aquela planície desolada, levantando columnas de areia fina e pardacenta. Os poetas da região, exaltando-a, como era do seu profissional dever, tinham concluído que o Hartz só servia para refúgio de fantasmas ou séde de concilios de feiticeiros. Mas nunca se ouviu afirmar a uma pessoa séria que tivesse encontrado no Hartz qualquer coisa que se parecesse com uma bruxa. Desconfiou-se também que existisse lá um jazigo de ferro, mas uma minuciosa investigação científica foi suficiente para demonstrar que tal hipótese era unicamente fruto da boa fé dos homens que resistiam a aceitar que na Natureza existissem tantos quilómetros quadrados de terra que não servisse para nada.

No entanto, fôsse qual fôsse a beleza do Hartz quando o cobriam as águas marinhas, é difícil que superasse a que nessa noite oferecia aos olhos dos dois engenheiros que ali chegaram à procura duma rapariga arrebatada por um pequenino carro amarelo de doze cavalos. Na imensa extensão, os milhares de automóveis, fugidos da cidade, tinham acampado — não há outra expressão mais justa — e as suas luzes permitiam ver tão claramente como se fôsse de dia. As formas graciosas dos carros de turismo e as ingentes moles dos consagrados ao transporte de mer-



cadorias, confundiam-se num incessante movimento; as lanterninhas verdes, azuis ou roxas, dos *coupés*, e as vermelhas lâmpadas posteriores lembravam, por vezes, a alegria duma *verbena*. As sirenes, os klaxons e as buzinas confundiam seus sons numa algazarra constante. Ao lado, um grupo de automóveis seguia lentamente como para observar o que sucedia na esplanada. Um pouco mais além o acaso ou o hábito alinhava-os — naquela mesma posição em que esperam nas praças públicas a saída dos donos que assistem ao teatro ou a alguma assembléa numerosa — e permaneciam imóveis e como adormecidos, alheios a tudo quanto sucedia em torno. Geralmente, nestas filas não havia senão cómodos *coupés* destinados ao transporte de senhoras friorentas e velhas. Mas a nota dominante na planície era o movimento e a confusão. Carros ligeiros, aguçados como flechas, passavam a velocidades temerárias, perdiam-se ao longe entre as sombras e regressavam depois. Centenas de automóveis de todas as formas e tamanhos cruzavam e metiam-se, sem um choque nem um tropeço, com uma certeza e uma precisão capaz de deixar maravilhados os *chauffeurs* mais peritos. Os olhares dos focos reluziam. E a troca de tantas luzes — o seu vai-vem, as suas posições distintas de segundo a segundo — em cada milésimo de segundo — era precisamente o que dava ao espectáculo aquela aparência fantástica.

Quando se refizeram de tanta emoção, os dois homens trocaram um olhar preocupado. Estavam no bordo da planície, detrás duma rocha que apenas atingia um metro, e pode dizer-se que enquanto contemplavam o insólito acontecimento, nem Hoppe pensou na filha nem Harrison sentiu aquele prurido de temor que lhe alterava os nervos desde o acidente da estrada. Foi, finalmente, o fabricante quem primeiro se subtraiu ao assombro para se lembrar de Lizzie.

— Continuemos, Jasper — ordenou, erguendo-se.

Mas o engenheiro não se moveu:

— Aonde diabo quer você ir, Hoppe? Julgo que não pretenderá meter-se nesse satânico formigueiro. Parece-me que não andaríamos mais de oitenta metros sem que nos esmagassem.

Hoppe meditou, examinando o incrível espectáculo.

— Não é preciso atravessar a planície — respondeu. — Vamos aqui de volta para ver se encontramos o automóvel de Lizzie, e quando dermos com ele, resolveremos o que se há de fazer.

Harrison obedeceu e avançaram ambos, contornando o largo, com os olhos postos nos carros que passavam, lenta ou rapidamente, a menos dum quarto de milha de distância. Às vezes detinham-se a examinar um confuso grupo de automóveis em repouso, procurando lobrigar no meio deles o torpedo amarelo da rapariga. Outras vezes, quando lhes dava em cheio, destacando-os vivamente, o longo olhar luminoso de alguns faróis, acoravam-se entre o mato com uma irresistível impressão de medo, como se quisessem evitar ser descobertos e perseguidos por aqueles seres que acabavam de somar-se à vida.

Chamou-lhes a atenção um brusco reboliço no campo dos fúgitivos. Viram vários automóveis que se desviavam para a esquerda e para a direita, e, pelo espaço livre, uma torrente luminosa projectou-se rapidamente sobre os dois homens, pareceu examinar a ingreme vertente da montanha, e voltou-se depois numa manobra agilíssima, enquanto outra onda de luz se lhe enfrentava pelo mesmo caminho.

Hoppe e o seu ajudante reconheceram no que chegou primeiro um daqueles tractores-titanic que, saídos das suas oficinas, ainda se exibiam horas antes na Exposição. O outro veículo que apareceu, trepidante, na rua aberta pelo... — sim, é preciso dizê-lo — pelo instinto de conservação dos outros carros, tinha um aspecto ingente e apocalíptico.

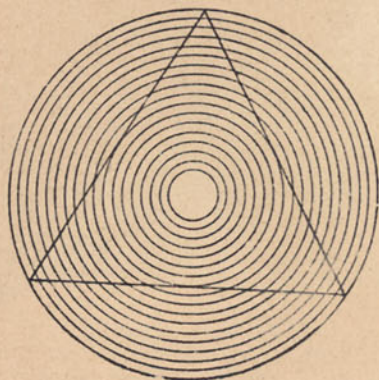
(Continua)



Passatempo

ILUSÃO OPTICA

O triângulo equilátero, que a figura representa, traçado sobre uma série de círculos concêntricos, e tangente em três pontos



a um dêles, tem os seus três lados perfeitamente rectos. Pois não parece. Dir-se-hia que se inflectem nos pontos da tangência, como se a parte média de cada um fôsse atraída para o centro comum de tôdas as circunferências.



Passa-se a scena num eléctrico completamente cheio de gente, entre uma senhora altiva e um cavalheiro cortez.

O cavalheiro (levantando-se e oferecendo o seu lugar): — Tem a bondade de sentar-se, minha senhora.

O cavalheiro: — Que diz V. Ex.ª?

A senhora altiva: — Eu não falei.

O cavalheiro: — Ah! peço desculpa. Pareceu-me tê-la ouvido dizer «Obrigado».



O ARCO DUPLO E O ANEL

(Problema)

Aqui está um passatempo da mais simples aparência, consistindo unicamente em dois arcos de arame, unidos de maneira que fi-



cam com a forma de uma ampulheta, e tendo um anel a circundá-los na sua parte mais estreita.

Apesar de ser tão simples nos seus elementos, o problema usual, que vem a ser a remoção do anel, não será considerado como de fácil solução, por quem não estiver no segredo de levá-la a efeito.

— Você dá aos seus empregados duas semanas de férias cada ano, não dá, ó Ribeiro? — perguntou o amigo.

— Um mês — rosnou por entre dentes o Ribeiro.

— Um mês? — tornou o amigo.

— Sim — explicou o Ribeiro — as duas semanas em que eu vou para férias e as duas em que êles vão para as dêles.



— Não posso parar com dôres de dentes; estou como doido.

— Porque não faz você como eu, quando tenho dôr de dentes?

— É o que é?

— Vou ter com minha mulher. Ela deita-me os braços ao pescoço, beija-me e abraça-me, afaga-me a testa e eu esqueço-me de tudo e a dôr passa. Porque não experimenta?

— Vou experimentar vou. A sua mulher está em casa agora?



— Onde tens estado, Rosinha? E o que estás a comer? — perguntou a mãe.

— Queijo — respondeu a pequenita com tôda a serenidade.

— Queijo? Onde é que o foste buscar?

— À ratoeira.

— À ratoeira!! — exclamou a mãe horrorizada. Mas o que hão de os ratos fazer? Agora não têm queijo.

— Ah! êles não se importam. Havia dois lá dentro e não estavam a comê-lo, por isso não fizeram caso nenhum.

PEDAÇOS DE FITA

(Solução)



Vêem-se na gravura os quatro pedaços de fita, sem ponta alguma, que era o resultado que se desejava obter.



A Emazinha, com quatro anos, tinha sido má e o pai antes de sair de manhã, para o emprêgo tivera de lhe administrar um forte correctivo.

Que êste fizera impressão viu-se, à tarde quando êle voltou para casa. A Emazinha, ao vê-lo regressar, foi ter com a mãe e disse com polidez glacial: — Mamã, o seu marido já veio.



Menina romântica: — Suponho que pessoas desiludidas em amor, se atiram muito vez destes rochedos abaixo?

O guia: — Não consta que nenhuma delas o tenha feito mais de uma vez.



A herdeira rica: — O visconde propôs-me casamento.
A amiga: — Deveras! Ele está assim tão precisado de dinheiro?

No Salão da Primavera, no Pôrto, serão expostos os magníficos perfumes, sabonetes e essências de ACH. BRITO, a maior fábrica do país

COLEÇÃO BARATA

**O
RÉCORD**

DA EDIÇÃO DE LUXO
DE OBRAS DE VALOR
DE AUTORES DE NOME
POR PREÇOS POPULARES

UM VOLUME MENSAL
MAGNÍFICO PAPEL
CAPA A CORES
MUITOS CENTOS DE PÁGINAS

PREÇO:

4 ESCUDOS

ROMANCES ESCOLHIDOS ENTRE AS OBRAS PRIMAS DA LITERATURA MUNDIAL, ROMANCES DE AMOR, DE AVENTURAS, ROMANCES REALISTAS, IDEALISTAS OU DE ESTUDO PSICOLÓGICO, NOVELAS POLICIAIS OU DE MISTÉRIO. OS MELHORES NOMES DA LITERATURA PORTUGUESA E EXTRANGEIRA

PRIMEIRO VOLUME DA "COLEÇÃO BARATA"

ATLANTIDA

A obra prima de
Pierre Benoit

MARAVILHOSO ROMANCE DE MISTÉRIOS, PAIXÕES E AVENTURAS NO SAHARÁ

**A SEGUIR NA
COLEÇÃO**

BARATA

**CADA VOLUME
COM CAPA
A CORES E
CENTENAS DE
PÁGINAS POR
4 ESCUDOS**

UM IDÍLIO TRÁGICO, de PAUL BOURGET. — CRIME E CASTIGO, de FÉDOR DOSTOIEWSKI. — O DIABO BRANCO, a novela máxima da produção espanhola em 1928, por LUÍS DE OREYA. — O HOMEM QUE ASSASSINOU, de CLAUDE FARRÈRE. — GARRÁS DE VELUDO, por IVOR MAC CHURCHST. — O FILHO DA VOLUPTA, de GABRIEL D'ANNUNZIO. — DOIDA DE AMOR, de ANTERO DE FIGUEIREDO (da Academia das Ciências). — A CÔLERA DE DEUS, de LEONIDAS ANDREIEFF. — MEMÓRIAS DE SATANÁS, de LEONIDAS ANDREIEFF. — OS CAMPÓNIOS, de ANTON TCHERKOFF. — BOÊMIA SENTIMENTAL, de GOMEZ CARRILHO. — O CALVÁRIO, de OCTAVE MIRBEAU. — O BÓBO, de ALEXANDRE HERCULANO. — A TULIPA NEGRA, de ALEXANDRE DUMAS. — O HOMEM DE RAPINA, de JOÃO DE SOUSA FONSECA. — O BRACELETE DE RÚBIS, de ALEXANDRE KUPRINE. — O EXTRANHO DR. JEKYLL E MISTER HYDE, de I. STEVENSON. — O CRIME DE GRAMERCY PARK, de A. K. GREENE. — AVENTURAS EXTRAORDINÁRIAS DE RALPH WILLIAMSON, por IVOR MAC CHURCHST. — O PADRE JÚLIO, de OCTAVE MIRBEAU. — UM CLUB DE MÁ LÍNGUA, de FÉDOR DOSTOIEWSKI. — O EXPRESSO FANTASMA, por IRVING MAC CHEANG. — A ROSA AMARELA, de MAURÍCIO YOKAL. — O FOGO, de GABRIEL D'ANNUNZIO, etc., etc.

TÓDAS AS CORRENTES LITERÁRIAS, DE TODOS OS PAÍSES, REPRESENTADAS
PELAS SUAS OBRAS MAIS EMOTIVAS
REEDIÇÕES DE CLÁSSICOS EDIÇÕES DE AUTORES NOVOS

Editores:

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

COLEÇÃO BARATA



Os telefones e os "icebergs"

Com os serviços telefonicos succede o mesmo que com os "ICEBERGS". A parte que não se vê é muito superior à parte visivel.



Edifícios apropriados para Estações Centrais.



Centenas de empregadas telefonistas.

O aparelho singelo que V. Ex.^a possui em cima da meza de trabalho, ou em sua casa está em contacto com uma vastissima rede que comprehende: milhares de kilometros de cabos subterraneos, milhões de kilometros de fios de ferro, cobre e chumbo, milhares de postes, milhões de isoladores; centenas de empregados e empregadas trabalham dia e noite para o vosso serviço: grandes edificios proprios encerram milhares de contos de reis em aparelhagem delicada e sensivel, que vai sendo sempre aperfeçoada. Nada disto se vê e contudo existe. Medite-se um pouco e chegar se-há á conclusão que

o telefone é de graça

pelos serviços que presta!

Os **unicos** encargos são.

Comerciante	{ 10 mezes a 120\$00
	{ depois 80\$00 mensal
Residencia	{ 10 mezes a 90\$00
	{ depois 50\$00 mensal



Milhares de kilometros de cabo subterraneo.



Milhares de postes por toda a parte.



Salas com aparelhagem delicadissima



Motores, transformadores, dinamos, etc

Informe-se pelo telefone **4200** ou escrever à Companhia, e um empregado procurará V. Ex.^a

THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.^o LTD.

LISBOA — Rua Nova da Trindade, 43

PORTO — Rua da Picaria, 5